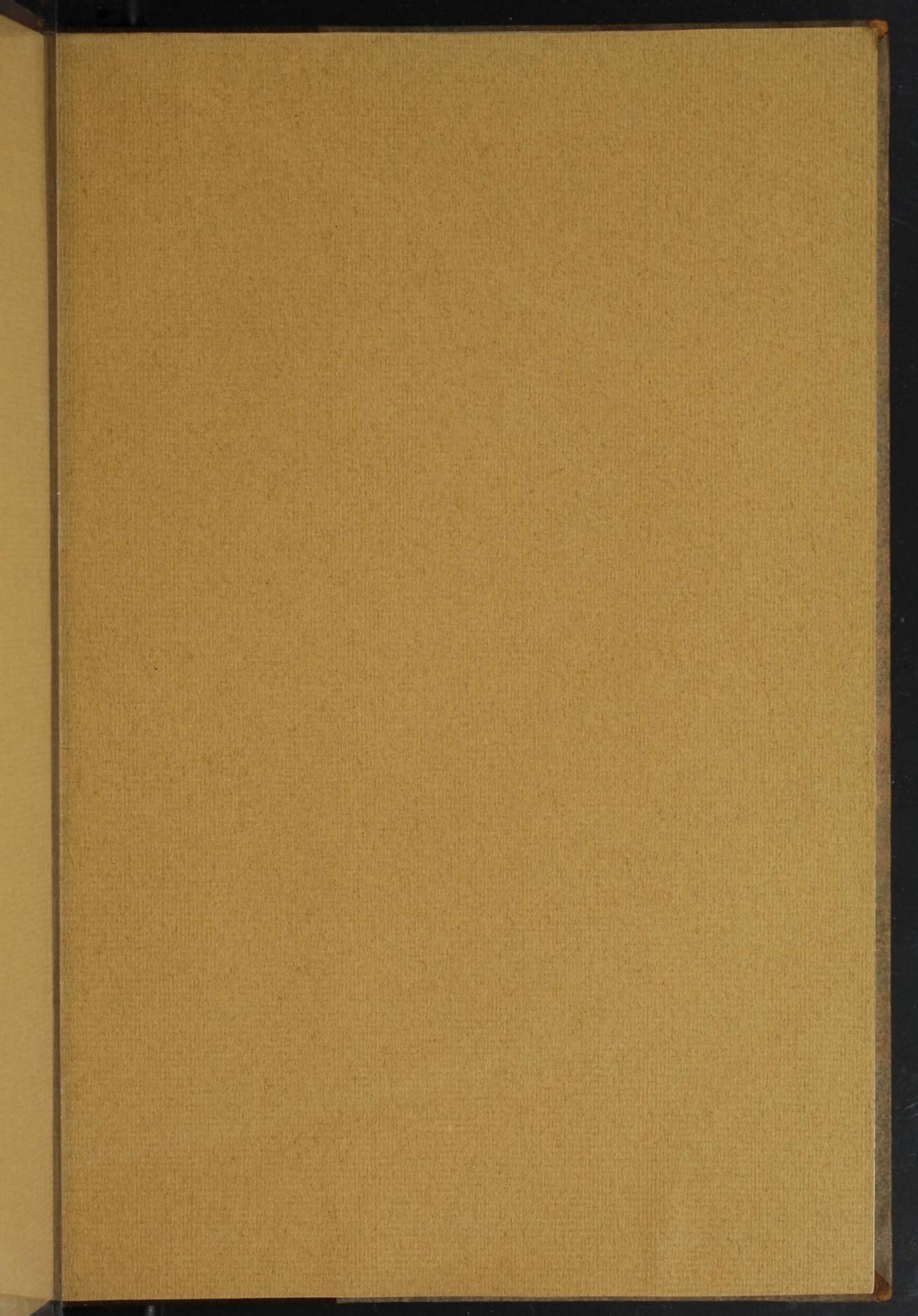




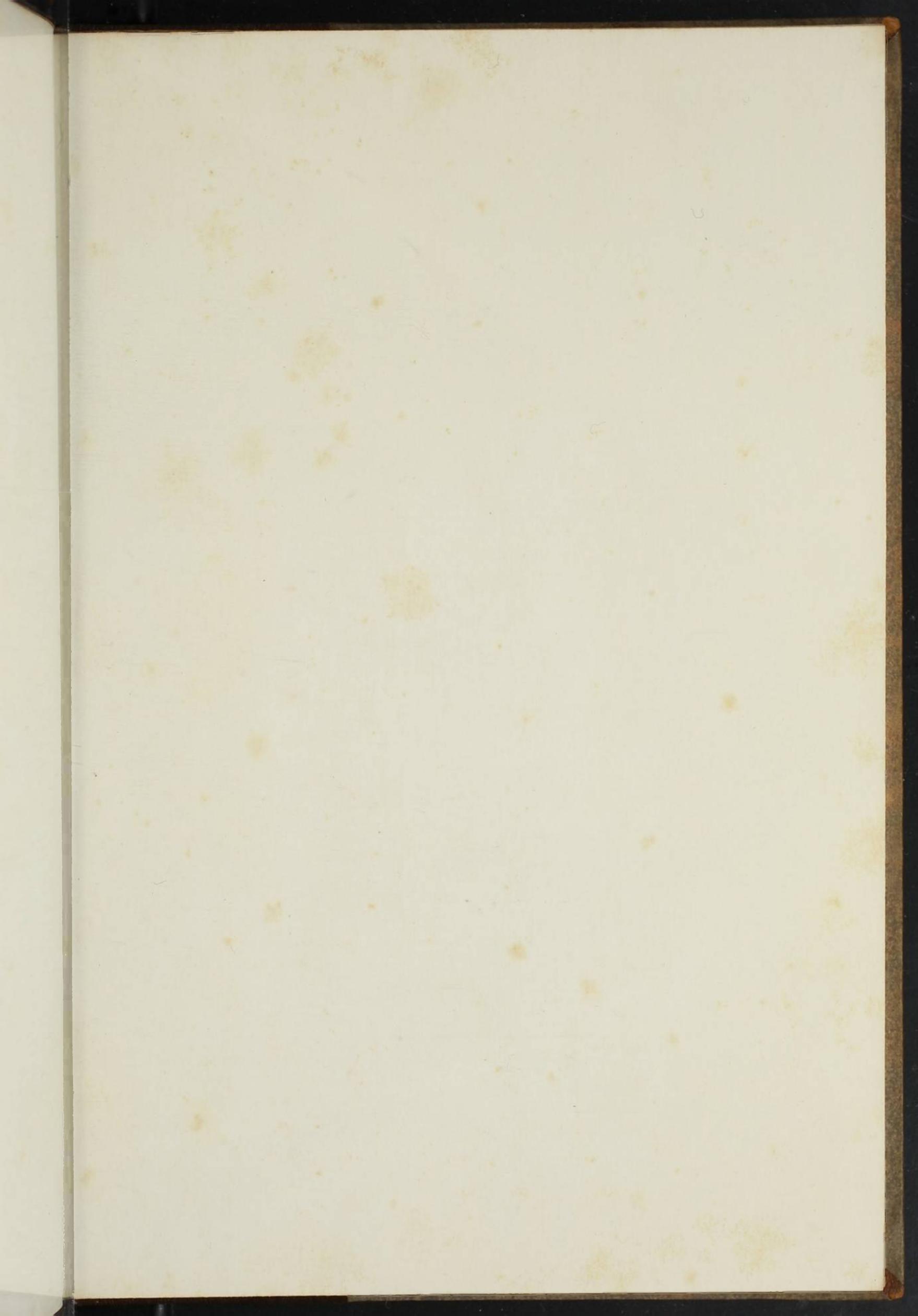
Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

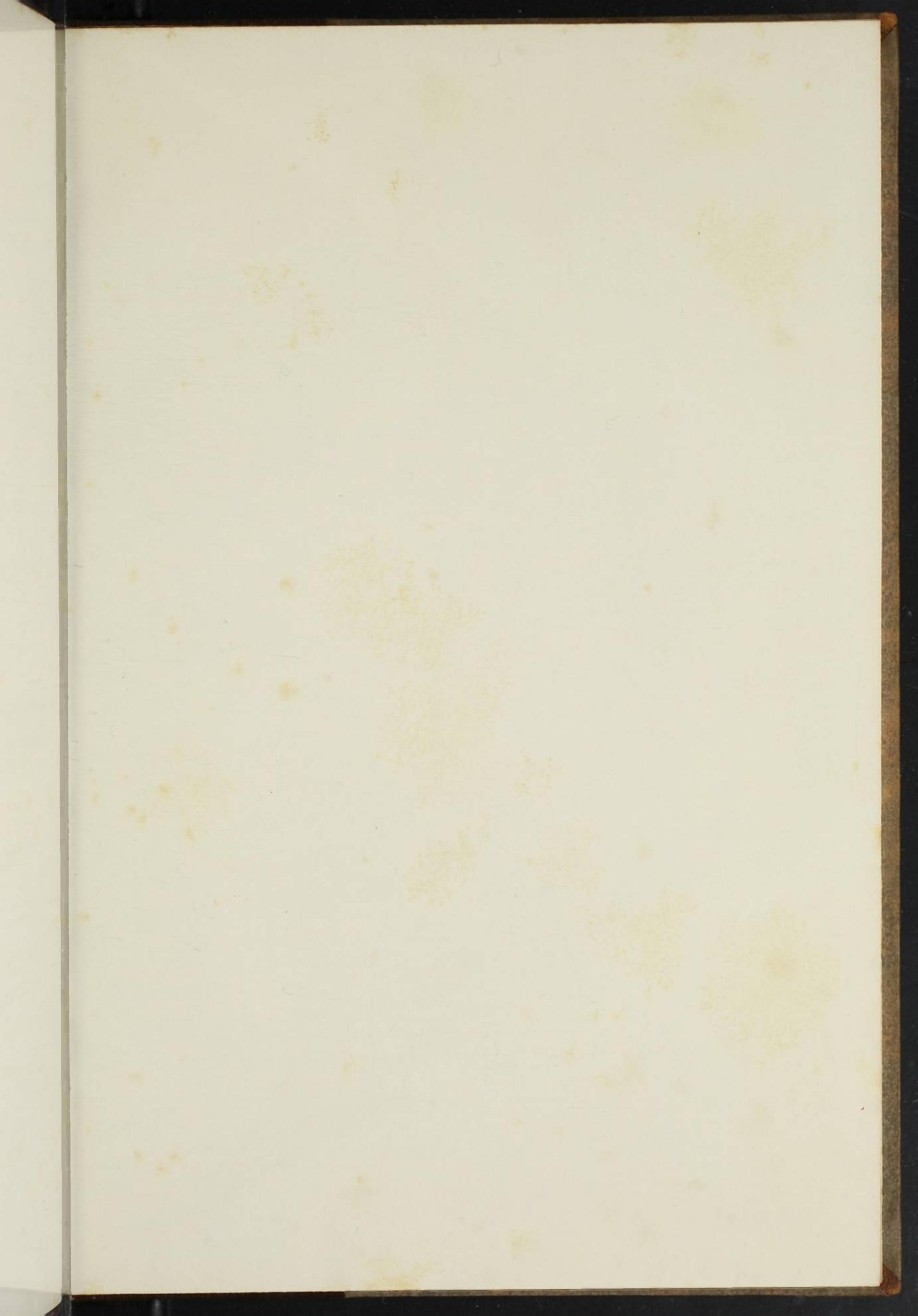
Ex Libris  
José Mindlin



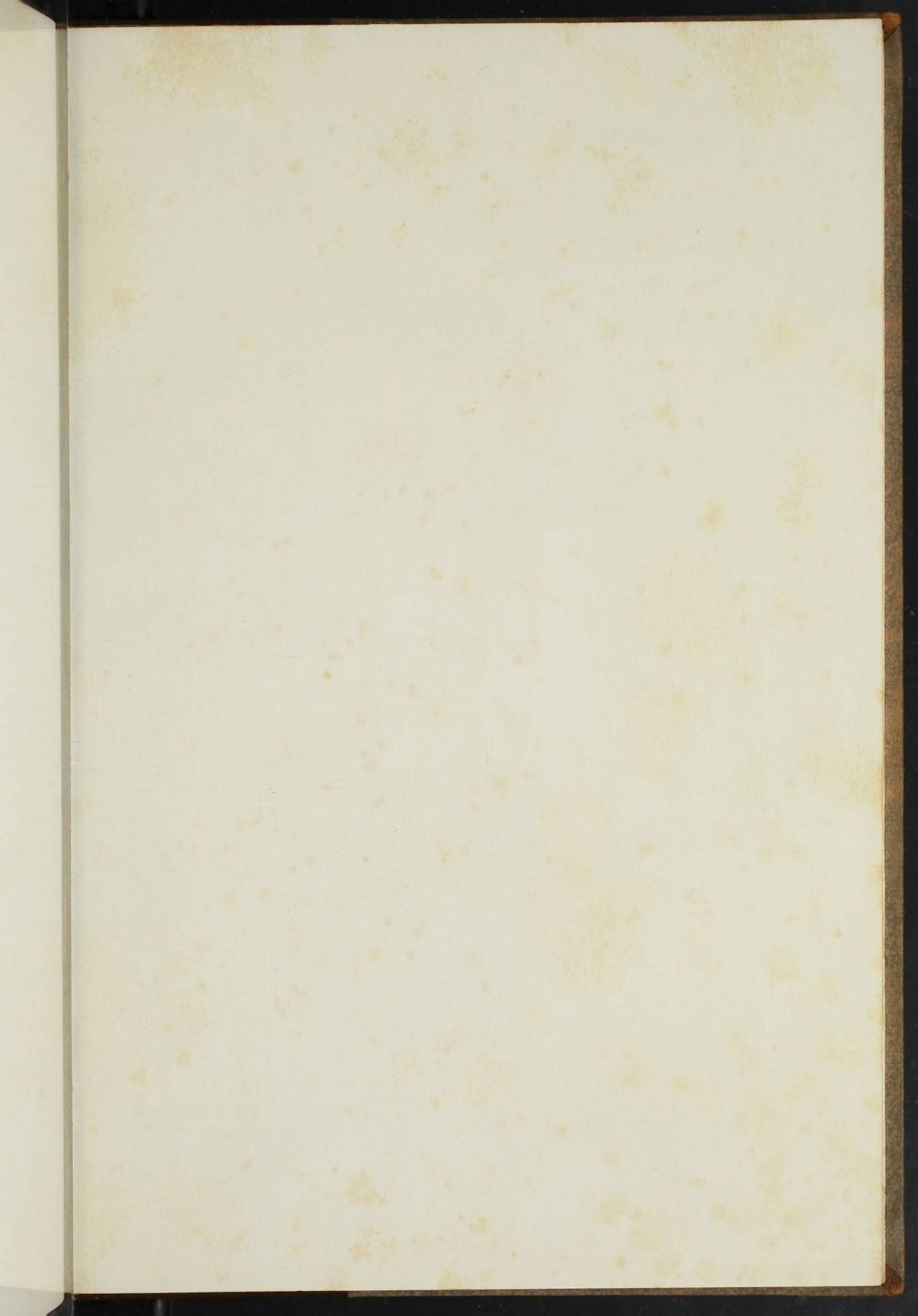




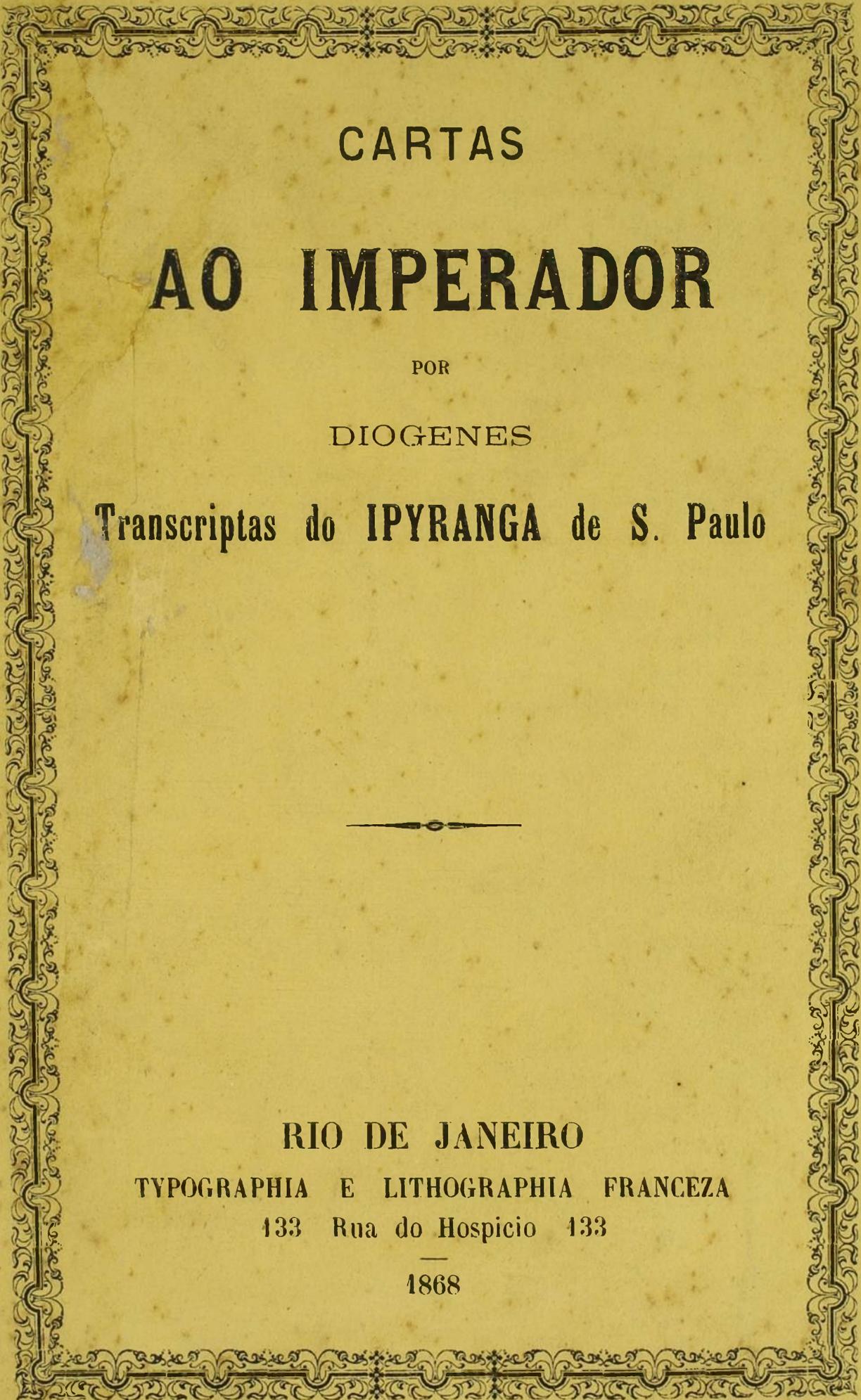












CARTAS  
**AO IMPERADOR**

POR

DIOGENES

Transcriptas do IPYRANGA de S. Paulo



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA FRANCEZA

133 Rua do Hospicio 133

—  
1868



*min. dia*

CARTAS  
**AO IMPERADOR**

POR

DIOGENES



**RIO DE JANEIRO**

**TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA FRANCEZA**

**133 Rua do Hospicio 133**

—  
**1868**

NO IMPERADOR

1800

UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1800

1800

# CARTAS

# AO IMPERADOR

---

## PRIMEIRA CARTA

*Senhor!*

Perdoae-me si ousou levantar a voz para lamentar as desgraças da patria, unica consolação que hoje nos resta.

Como a Roma de Tiberio, nós já não podemos ir pedir contas nos comicios populares aos causadores de nossa ruina!

Nos ultimos tempos desse imperio que dera leis ao mundo, com os monumentos que restavam da antiga Republica, desapareceu a —lei. Os criminosos internos açulavam as paixões da plebe, para escaparem ao rigor, não das leis que já não existião, mas ao capricho e arbitrio dos juizes; os generaes mandados a combater os inimigos do imperio, voltavam com bastante ouro para occultar as suas derrotas!

E o povo o que fazia?

Nada.

Não chorava, porque Caligula fazia-o tragar suas lagrimas, ou com os rasgos de seu despotismo, ou com os dons do seu erario; não se revoltava, porque em vez de espadas brandiam cadeias; não fallava, porque esperava!

O silencio é a linguagem eloquente da esperança!

Ainda existia o solo romano, Tacito vivia.

Um lembrava-lhe a patria, outro a familia. São duas cousas no mundo que o homem e o cidadão jamais podem esquecer, porque são por assim dizer o constitutivo de sua alma: a familia e a patria!

E' em respeito á uma, por amor á ambas, que o cidadão acha-se sempre prompto á derramar seu sangue; nas guerras civis é a familia o movel da lucta, nas guerras externas, a familia e a patria! Em uma haverá talvez egoismo, mas egoismo tão nobre que se justifica; noutra ha um sentimento que por si mesmo se denomina, e não vae buscar a sua reprovação ou exaltação em vicios ou virtudes differentes.

Ambas ideias sanctas, são ambas nobres: o egoismo da familia é tão elevado como o amor da patria.

O bom cidadão, senhor, zela pois a familia e defende a patria. A ruina de uma é a destruição da outra: são entidades de coexistencia necessaria.

Vendo pois, as ameaças que á uma já se dirigem, lamentando as desgraças que a outra já soffre, permitti, senhor, que vos lembre que sois tambem cidadão, não aquelle que póde deixar de cumprir os deveres que essa qualidade lhe impõe, sem que por isso se transtorne a ordem social, mas sim o cidadão typo, aquelle emfim que a nação quiz que fosse o primeiro, dando-lhe por isso um grande cathecismo.

Mas parece-me, que aquelles que vo-lo deviam appresentar de joelhos, ergueram-se, e cobrindo com o manto real o livro sagrado do povo, abriram-vos pelo contrario o livro negro dos povos, a historia escandalosa do despotismo dos reis, e talvez vos tivessem dito que o throno que occupaveis era uma doação de familia, [era herança dos filhos do vencedor de Ourique, que conquistára o throno não pela vontade dos descendentes de Viriato, mas sim pelo auxilio visivel (fabula ridicula e despresivel) da vontade de Deus!

Esses, Senhor, talvez vos tivessem lembrado a docilidade com que o povo de Roma via do alto do Janiculo incendiarem-se um á um os monumentos da cidade de Romulo, sómente para deleitar os instinctos selvagens e ferozes do immundo filho de Agrippina! Mas o que elles vos não terão dito, é que aquelles que assistiam immoveis á destruição dos monumentos de sua liberdade e da sua grandeza, não erão os filhos daquelles que foram amamentados pela loba, mas sim os legionarios ebrios, soldados degenerados das cohortes da Gallacia e da Pannonia, essa horda enfim que se tinha saciado nas ruinas da Grecia, e nos prazeres lethaes dessa lasciva Sybaris!

Não vos diziam elles, que este povo não tinha mais o *forum* onde ouvira Bruto lançar a sentença de morte á seu filho que tramára contra a patria; em lugar da Tribuna em que Cicero déra á seu povo as grandes lições de civismo, via os lupanares em que primavam os cortezãos de Nero!

Eis, senhor, o povo do tempo de Nero, Vitellio, Vespasiano, de toda essa escoria enfim, o povo que esquecera os grandes tempos em que a deshonna da familia do *cives romanus*, bastava para dicidir da sorte da cidade: o povo que infundira respeito aos barbaros gaulezes, era apontado nos ultimos dias com um riso de escarneo!

Digno fim de tal principio!

Eis o que elles vos não terão dito; eis o que peço licença para dizer-vos, senhor.

Os historiadores são de duas especies: historiadores que narram, historiadores que julgam. Uns são eruditos que contão com toda a simplicidade e nudez os factos, enchem paginas com excavações archeologicas, esses, senhor, só vos podem interessar como sabio que sois; os outros são representantes ou de uma eschola social ou de um partido politico, julgam com as ideias do seu partido ou

de sua escola, em todo caso ou aproveitam á humanidade inteira, ou aos logares onde escrevem, á indole do povo que os lê.

A historia que serve aos governantes, é essa que dentro do mesmo espaço de tempo, em uma orbita determinada, diz as verdades que só se podem dizer em familia.

Assim, senhor, não estranheis que ouse levantar a voz tão alto, e que pretenda destoar do côro de vossos cortezãos.

Para elles, senhor, já um grande escriptor do seculo formulou o seu juizo, fazendo das maiores infamias de Narsès a de ter sido corzeão!

Alguns já a tem erguido contra os desvarios do presente apontando os exemplos do passado, quasi todos senhor, tomavam o passado e attiravam-no á face do monarcha, como se atira lama á cara de um reprobó.

Timandro já vos disse muitas verdades, mas essas palavras, que, recebendo o cunho da autoridade na bocca de outro qualquer homem, poderiam ter contribuido para vossa lição, na bocca desse homem apenas se tornaram em preciosidades que os trapeiros encontram de envolta com o lixo, e com que especulam nas lojas dos adelos.

O passado, senhor, já o disse um grande escriptor servidor fiel dos reis, deve ser cousultado como um mestre cujas lições teem um duplo cunho de autoridade, a velhice e a experiencia; o passado é o mestre do presente, como este a seu turno se-lo-ha do futuro.

E' preciso bom presente, para ter-se bom futuro. E' uma serie logica de factos, que tem e deve ter força imperiosa nas deducções politicas.

E' do dever do discipulo consultar o mestre, fallarei no presente e pedirei lições e exemplos ao passado, sempre prompto á mostrar nas paginas do vasto livro da historia da humanidade, as contradicções factaes na ordem do mundo, o bem decorrendo do mal, Tarquinio ouvindo atraz de si a

condemnação da realza mas della nascendo a grandeza de Roma; Luiz XVI banhando com seu sangue um throno de oito seculos, declaram-se os *direitos do homem*; Carlos X renegado da opinião publica, indo expiar no exilio o crime de ter desprezado a vontade imponente do povo, para só ouvir os cortezãos que vivião em crassa ignorancia das misérias do povo, deixa a carta de 1830.

Faremos mais tarde as applicações comparando as nossas com as desgraças dos outros, e si nos outros encontrarmos o que lastimamos em nós, não nos sirva isso de consolação, porque ahi está a sancção na historia, ou no abatimento em que hoje choram esses povos por não se terem erguido para advertir os reis dos desvarios á que os levava a sombra dos louros erguidos por seus aduladores, que teem muitas vezes o veneno da sombra da arvore mexicana.

Sei que não tem faltado quem se tenha entregado á essa grata ou ingrata tarefa; porém de que tem servido seus esforços em admirar essas reliquias, provas muitas vezes de acrisolado patriotismo, si no dia da practica, convertem-nas em mentirosa realidade?

Desculpareis, senhor, si não acostumados ao avelludado das phrases cortezãs, aos elogios banaes que vos tecem á todo momento aquelles que esquecidos do papel que representam, que em logar de entregarem-se ao isolamento do remorso, campam pelo contrario de uma aristocracia ridicula e impossivel, tivermos de fallar a linguagem que em outros tempos e em outro logar empregaram os vassallos de um dos vossos mais illustres ascendentes; essa verdade dura aos reis.

Esses homens, senhor, amavam a monarchia, porém antes que tudo amavam sua patria, e conscios do quanto é preferivel ser plebeu honrado á cortezão vil, diziam á esse vosso illustre avoengo: — *Cada um de nós, senhor, vale tanto como vós, e reunidos valemos mais do que vós!*

Era a consagração do principio que o povo é o rei, assim como o rei deve ser o povo.

Sabeis, senhor, melhor do que eu, como se opera essa especie de incarnação do povo no principe, da liberdade no poder.

Na ordem politica, como fóra della, na ordem physiologica operam-se phenomenos constantes que poderiam servir de rasão explicativa á este.

Não raras vezes encontramos entes de natureza diversa prezos por um laço mysteriozo, estabelecido por um mediador invisivel, se harmonizarem de tal maneira, que muitas vezes os sentimentos entre si combinando-se, deixando o character individual, tornam-se em um destes entes o reflexo do outro. Facto originario da constituição do homem ou de um simples capricho da natureza, elle dá-se muitas vezes, como vos disse, quer no dominio da natureza animal, quer em outra esphera de acontecimentos.

Esse phenomeno inherente á natureza animada é denominado por nós que não conhecemos os termos expurgados da sciencia—sympathia.

Quasi sempre são necessarios elementos adversos uns aos outros para que se dê esse phenomeno.

O sentimento contrario dá-se muitas vezes entre elementos semelhantes.

Senhor, na posição em que vos achaes, representaes um principio convencional, estabelecido pelo povo como uma necessidade: mas esse principio de que sois depositario traz consigo vicios antigos, maldicções constantes daquelles que viram nelle não o que elle era, mas sim o que não podia ser. Por essa rasão, senhor, o poder tornou-se antipathico ao povo, como toda superioridade repugna á natureza do homem.

E quereis saber quem apregoava tão falsas doutrinas, quem vos lançava em conta tão feias calumnias?

Procurae aquelles que mais perto de vós estão, os unicos que vos podiam conhecer.

Parece irrisorio crê-lo!

Mas grandes premios logravam elles em seu empenho.

E esse povo brasileiro acreditou, porque sinão trazião muitas vezes a autoridade de sua honradez, das suas virtudes civicas, traziam ao menos o apparatuso cortejo das honras com que os distinguieis, e por meio das quaes tornavam-se fócios de luz, mas de uma luz baça que partia das douradas bordaduras de suas fardas, ou dos tentadores diamantes de seus crachas, e que aturdiam a vista e a credulidade deste pobre povo faminto de espectaculos brilhantes!

E vós, senhor, não sei si por ironia, si em consciencia (o que seria incrível) punheis o manto da tragedia nos hombros de miseraveis histriões.

Vosso pae, senhor, teve á meu ver um grande merito; era o de rodear-se dos homens que a consideração publica apontava, mas tambem quando levado pela admiração do saber e das virtudes particulares de seus amigos chamava para seus conselhos nomes antipathicos á nação, o povo que amava e admirava a dedicação, o patriotismo e o criterio de seu monarcha, immediatamente levantava a voz da censura, e, ou o poder recuava, ou então tinhamos o solemne espectaculo de 1831.

Até aqui, senhor, tenho reproduzido o que a consciencia dubia de vossos *fieis servidores* tem propalado; agora constituindo-me orgão de uma verdade mais franca, de uma justiça mais sincera, cumpre-me ver si havia algum motivo de rasão nesses Sejanos que vinham especular com a opinião publica, praguejando contra o amo bondadozo.

Desde já vos peço, senhor, que não enxergueis em mim o partidario sempre parcial que quer reivindicar todos os louros para sua facção, que esquecendo o culto supremo que se deve á justiça, só encontram na diffamação um campo vasto para as suas expansões; não, senhor, vêde em mim aquelle que mais perto das mizerias do povo, póde fallar-vos desa-

bridamente e protestar contra esses thuriferarios do poder, e ficae sabendo que o povo só falla deste modo, que as lan-  
teoulas da rethorica são desconhecidas não só á elle, como  
aquelle que cobrindo-se com os andrajos do manto desse so-  
berano desthronizado que se chama — o povo, assigna-se res-  
peitosamente

DIOGENES.

S. Paulo, 19 de Julho de 1868.

## SEGUNDA CARTA

---

*Senhor!*

Na minha carta passada vos expuz as ideias em que vinha analysar os actos do vosso reinado, e por ella vereis que todo meu empenho, todo meu interesse está em que a pessoa que a nossa vontade recebeu immaculada do sacrificio politico possa dizer que o seu manto foi tincto, não da purpura do sangue de seus subditos, mas nas côres symbolicas da esperança e da grandeza da terra de Sancta Cruz.

Si me podesseis conhecer, se podesseis ler no intimo de meu coração, verieis, senhor, quão puras são as minhas intenções, quão grande é o desejo de ver sahir magestoso das luctas politicas deste reinado o filho do heroe dos dous mundos; como o sonharam aquelles que vos rodearam nos vossos primeiros annos, aquelles que tivestes a vosso lado como zeladores sinceros do vosso corpo e do vosso espirito, e que vosso pae antes desprezára como inimigos.

E' mais uma pagina ingloria do primeiro reinado, e que por certo não serei eu o primeiro á lançar-lhe mais nodos do que as que porventura a severa critica possa enxergar.

Nesse sacrificio sublime de um principe diante da vontade poderosa do paiz, vai uma licção, constante e eterna que não é entre os figurantes das côrtes que encontrão os principes na hora do supremo perigo os seus leaes servidores.

Ficae certo, senhor, que nos dias da revolução, os verdadeiros amigos das monarchias, encontrão-se não nos paços reaes, mas nas praças publicas; não entre os cortezãos, mas sim entre o povo, entre esses que a còrte na sua synoni-

mia chama anarchistas, rebeldes, inimigos do *throno e do altar*.

Percorrei a historia.

Sem remontarmos á epochas que os vossos officiosos amigos poderião denominar — anachronicas — lembrar-vos-hei simplesmente que quando se aproximavão os acontecimentos de Julho de 1830, Carlos X viu entre os denominados anarchistas, Larochefoucauld, Chateaubriand, talvez de tantos e tão *devotados* amigos o unico que levou a sua dedicação ao sacrificio.

Enquanto o velho rei triste e abatido ouvia ao rodar das carruagens pelas estradas da França, os annuncios estrepitosos da Revelução, e ia cedendo á vontade que por tanto tempo lhe tinham occultado, os ex-amigos davão tractos á imaginação para descobrirem os meios pelos quaes passarião para os salões do intrigante do *Palays-Royal*, o candidato da praça de Gréve.

Os vossos amigos então senhores do poder em 48, procurarão todos os meios de divorciar a causa do povo da monarchia enquanto na Europa, Luiz Phelippe fazia entregar seu neto ainda infante á protecção dos rebeldes, dos anarchistas, á revolucionaria assembléa constituinte.

Ha mais isto de grande no procedimento dos povos, vingam-se, mas vingam-se nobremente. Vendo render-se seus inimigos de hontem sacrificam muitas vezes pela patria sentimentos naturaes ao homem, e recebem como amigos os adversarios da vespera.

Não sei, senhor, si ainda conservais as impressões da creança de então; mas eu ainda lembro-me do espectáculo solemne que deu este povo, indo depor as armas aos pés de uma creança amedrontada por não saber o que se passava, no adro desse templo de S. Francisco de Paula, onde ainda ha pouco tempo elle fazia um protesto solemne de seu amor á Constituição, e seu desprezo por aquelles que a violavam.

E o povo cumpriu os protestos feitos ante os altares, sahindo dahi com o esquecimento do passado e com as esperanças no futuro.

Senhor, para bem apreciardes as verdades que terei de dizer-vos, cumpre-me antes de tudo pôr as bases donde farei as minhas deducções para julgar os actos do vosso governo até hoje, vêr emfim si elle correspondeu á generosa expectativa des heroes de 1822. E si isso faço, é porque já ouço murmurar, e as queixas surdas de um povo são quasi sempre os annuncios das tempestades politicas: nem vos deixeis levar por esse entusiasmo desarasoado, essa alegria ficticia que se desenvolve, lembrai-vos que o povo francez já proximo a essa revolução que havia de abalar o mundo, lamentava os erros do *rei martyr*, e ria ao mesmo tempo da malicia de Beaumarchais,

Sabeis, senhor, o que já diz a voz agora surda do povo?

Diz, senhor, que fosteis o falseador do systema representativo, modelando todos os actos de vossa politica pelos caprichos da vossa vontade e pelos conselhos de vossos *intimos*. Isso, senhor, equivale a lançar-vos a pécha do mais feio crime perante a religião e a moral: o perjurio.

Senhor, acreditando que o monarcha deve ser para seu povo o mesmo que o pharol é para o viajante em mar tempestuoso, luz fixa e pura, todo meu desejo é que as ondas da cholera popular não cheguem tão alto que a possam embaciar.

Tenho esperança, porque antes de lá chegarem, teriam destruido a columna sobre que elle assenta — a Constituição.

Prosigamos pois, porém antes de continuar permitti que vos repita uma verdade já sedica para nós, porém muito nova para vós.

Senhor, o poder representante immediato da opinião e da vontade popular é o legislativo, é a propria nação conhecedora unica de suas necessidades, legislando-se a si mesma,

é a opinião nacional censora constante dos desmandos do poder; resistir a esse poder é affrontar a opinião da nação, desprezá-lo, é desprezar o povo.

Em materia de governo os principios em que se funda um systema só podem ser derogados por circumstancias extraordinarias, e que por si sós bastem para inverter a ordem politica. No conflicto, pois, entre o principio absoluto de um systema politico e uma necessidade precaria, cede a necessidade ao principio, quando não ha meio de corrigir o rigor logico, as consequencias de uma lei fundamental, os resultados desse mesmo principio; mas si a rasão que se invoca não é uma circumstancia de momento mas sim um elemento de subversão de ordem, então elle já não é mais um meio politico, e sim uma rasão social.

Embora se possa invocar os exemplos de outros Estados para justificar uma excepção, não devemos lembrar o facto simplesmente, mas examiná-lo em todas as suas consequencias. Dizer-se que o monarcha póde governar sem empecilhos, escolher ministros a seu bel prazer, resistir a corrente da opinião porque Carlos I sustentou Strafford, porque Luiz XVI sustentou Calonne; seria nada dizer, si se não lembrasse White-Hall, e os juramentos da *Federação*.

Nos governos absolutos em que a vontade do monarcha toma o character de lei, esta segue a inconstancia daquella, por conseguinte qualquer rasão que se denomine politica bastará para fazer cessar a força de leis anteriores; mas bem sabeis que nos governos absolutos todas as leis como todos os direitos tem o character hypothetico, que a propria prudencia dos subditos que só tem o recurso em ultima instancia das revoluções, meio muitas vezes funesto, obriga a supportar.

Mas, senhor, graças ao Todo Poderoso, que dentre os innumerados males que nos affligiam, apagou este, fazendo-o substituir pelo governo constitucional representativo. Neste

systema o mechanismo todo funciona sobre dous eixos, o povo e o rei. O rei representando o elemento democratico, concretisado deve viver sómente da opinião publica, por isso que dividido os resultados parciaes dão vontade individual.

E' uma verdadeira proporção.

Estabelecidos os dous extremos desta proporção, resta determinar os meios, que são — o poder legislativo.

Applicando a esta proporção politica as mesmas regras da proporção mathematica, as transformações porque possa passar darão em resultado a harmonia dos poderes.

Permitti que aqui interrompa-me.

Senhor, é sempre bom recordar a historia, ella tem a imponencia de um tumulto a que se ligam honrosas tradições, preceitos que devem ser imitados, quando sublimes.

Levareis em paciencia que vos recorde a época em que este povo á cuja vontade vosso pae se curvou, confraternizando com a causa de sua liberdade, e a cujos destinos hoje presidis, recebeu a pezada carta de sua emancipação. Esse povo, senhor, que, ainda não sabia o que era um povo governando-se a si mesmo, pediu á uma só voz um governo em que o individuo fosse alguma cousa, e a nação fosse tudo; incumbindo aos seus mais illustres filhos o trilharem as veredas de um governo liberal. Esse povo, senhor, que vivêra seculos sob o jugo de ferro do despotismo de vossos avós, admirando o cavalheirismo do *rei-soldado*, entregou-lhe o cartel de desafio ás choleras da velha metropole, e cousa de admirar-se, o descendente de tantos tyrannos vinha elle proprio quebrar as cadeias dos escravos de seus avos.

Tarquínio tramára a queda de Servio, seu sogro; este tramava a ruina do poderio de seu pae.

E o systema representativo veiu cobrar forças entre nós!

Até o anno de 1831 em que o povo castigou seu magistrado pelo desprzo de seu mandato, pelo esquecimento

de seu juramento, o governo representativo parecia que vinha encontrar força no coração dos filhos da terra de Cabral, e á sombra das immensas florestas do Novo Mundo, mostrar á Europa caduca e pervertida que a terra de Colombo repellia as tradições dos governos de Luiz, de Napoleão os *grandes*, que tingiam no sangue das victimas de quarenta batalhas os mantos de sua realza, e faziam dos tumulos sem conta de seus subditos o pedestal de sua gloria.

E hoje, senhor?!....

De 1822 á 1830 o paiz marcha embalado na doce persuasão de que o governo da opinião será uma realidade, que o povo enfim provará dos fructos da liberdade. Os acontecimentos que mediaram entre estas duas épochas gloriosas para o Brazil, uma em que o povo conquistou sua liberdade, a outra em que della usou para por uma barreira aos desvarios do poder; o Imperador marcha de accordo com a vontade do povo, pretendendo talvez junctar ao seu titulo de *rei-soldado*, o de *rei-cidadão!* Mas, senhor, apesar da idolatria que já se ia desenvolvendo por aquelle que o povo em sua generosidade chamava seu libertador, apesar da sua infancia relativamente ao systema do governo que o regia, bastou senhor, um momento em que o soberano julgou-se livre do pacto que celebrára com a nação, bastou um dia em que o poder julgou-se com direito de escarnecer da vontade que o creára, para que a creança que tinha provado do fructo vedado pelos reis, que aprendera o bem e o mal, se revoltasse contra aquelle que zombava de sua generosidade.

E sabeis porque senhor, o Brazil inteiro levantou-se á pedir contas do livro sagrado de suas liberdades, cujas paginas o poder pretendia romper uma a uma, sabeis porque? Era porque o paiz que queria no governo eleitos de sua vontade, defensores de suas crenças, via pelo contrario formarem-se ministerios eleitos, como aquelles que saham dos gabinetes da Pompadour e da Dubarry.

E o poder tentou lutar, atirou a luva, esperou o adversario e de *viseira alçada* travou a lucta cujos resultados vos sabeis. O ultimo ministerio formado foi um capricho de homem cholerico, de monarcha vaidoso, de orgulho offendido.

O filho do senhor de dominios cuja extensão impunha á Europa, não podia supportar que aquelles que ainda á pouco eram vassallos de uma simples colonia, ousassem dar leis ao fundador de um imperio. O Imperador faltou ao seu dever, o povo devia fazer o seu. Contra o ministerio impopular, anti-parlamentar, dirigiram-se vehementes as censuras da opinião, quer nas camaras quer na imprensa. *Noblesse oblige*, o Imperador entendeu que antes de tudo era preciso não perder a força moral que compete ao poder. O resultado havia de ser fatal á um dos dous contendores, foi ao poder. A nação exigio a retirada dos ministros da camarilha, pediu uma satisfação plena, foi-lhe negada.

Sabeis o que seguiu. . . . .

Hoje ha homens que fazem consistir o seu jnsto orgulho no diploma dessa camara de 30 que deveria apparecer sempre conio um phantasma ameaçador nessa sala, onde á semelhança dos ministros de Alexandre, os vossos jogam sobre o panno verde da mæza do vosso conselho os destinos grandiosos do Brazil,

Agora, senhor, que vos lembrei uma das épochas brilhantes da nossa historia, porque o monarcha julgando-se abandonado pela vontade popular entregou-lhe o seu mandato, porque o povo comprehendeu a altura de seu dever de povo livre; permitti que demore-me pouco sobre esse tempo de enterregno, em que, como era natural, a nação convicta do seu poder, caminha placida, saboreando os seus trinmphos, e alimentando uma esperança chara á patria; consenti que eu veja, repito, pela confrontação dos factos, si tudo o que diz a opinião publica acha um

motivo que justifique. uma base em que funde a accução que contra vós lançam!

Já no fim de vossa meninice e proximo a vossa maioridade, o partido então no poder receiando esse acontecimento que poderia tirar-lhe o mando antes de completo o seu plano, antes de desenvolvido o programma, enceta um regimen de arbitrio com que pretendia impor aos seus adversarios, e talvez que á vós mesmo, meditando uma regencia que teria talvez a mesma celebridade da do duque d'Orleans.

Felizmente, senhor, á vosso lado estavam os amantes sinceros dessas leis, que tantos juraram e que tantos falsearam: ahi estavam á vosso lado esses liberaes que tinham conquistado palmo a palmo o terreno de nossas liberdades, ainda se erguiam os vultos venerandos da *constituente* para proteger-vos dos assaltos dos vossos falsos amigos.

Parte dos liberaes a idéa da antecipação da maioridade; opposição renhida dos seus adversarios, muitos dos quaes se tornaram vossos intimos para poderem lembrar-vos os titulos que tinham a vossa amisade; e para aquelles que tinham salvado á vós e ao vosso throno?

A dissolução das camaras, e as deportações de 1842!

A unica recompensa de um rei, é fazer seus servidores queridos do povo, e vós o fizestes.

A ingratição pagou o devotamento; Jorge IV repudiava os seus amigos da vespera. Primeiro passo em falso que destes ao começar o vosso reinado, e sobre o qual voltarei.

Dissolveis uma camara fiel representante da nação, desterraes aquelles cuja presença vos era incommoda, declarais formalmente á nação que desprezaes o seu juizo afastando a opinião que vos elevára; sinão é uma feia ingratição, si não era odio ás idéas liberaes que iam dominar, e o desejo do absolutismo com que vos acenavam; era um castigo imposto aos *rebeldes* de 30. Eis o primeiro passo dado para o absolutismo, quando o povo ainda arrastava o manto de vosso pae tincto do sangue de Ratcliff!

Senhor, a recordação do passo é util aos reis, é sempre uma lembrança veneranda, mas quando ella surge nodoadade sangue, deixa de ser um ancião cujas lições são ouvidas com admiração, para tornar-se em um espectro que causa horror.

Não páram ahi as vossas sinceras confissões de que o liberalismo é uma criação hybrida para o vosso espirito, todas as vezes que o tendes querido, tendes provado.

Continuemos.

Forçado pela opinião, chamastes ao poder aquelles á quem tinheis enxotado, como Jezus aos mercadores do templo: mas á instancias dos vossos *amigos* que não cessavam de dizer-vos que Machiavel escreveu em alguma parte, que não faltavam occasiões legitimas aos principes para disfarçar seus desvarios; invocaes uma rasão de Estado, são chamados ao poder os *intimos*, quando havia nas camaras representada uma maioria compacta, no meio de uma sessão regular, usaes de uma gymnastica politica para substituir uma opinião legitima por uma de vosso agrado.

Opera-se naturalmente a reacção; em uma das provincias do Imperio ha a fazer a eleição de dous senadores, são nomeados os *proconsules*, e parece-me que ao partirem para os seus governos, viam-vos decependo as mais altas papoulas dos jardins de vosso palacio.....

Ha no systema representativo uma ficção de que o rei não póde fazer sinão o *bem*.

Os mortos não fallam, senhor, sinão as sombras de Pedro Ivo e Nunes Machado viriam confirmar si é verdadeira a presumpção do systema representativo.

Na proxima carta continuarei na apreciação da politica até hoje, por isso que da verdade da ficção politica dezeja convencer-se o velho.

DIOGENES.

S. Paulo, 9 de Agosto de 1868.

## TERCEIRA CARTA

---

*Senhor!*

Entre os muitos males que nos deixaram as *decadencias* do imperio romano, avulta um que foi grato não só aos imperadores, como tambem áquelles dentre o povo que especulavam com a vaidade do monarcha, e com a credulidade generosa de seus compatriotas.

Mas tambem nessa epocha, diz Tacito que tudo que se escreveu foi mentiroso, ou porque o medo impedia que dissessem a verdade, ou porque esses escriptos eram muitas vezes desabafos de esperanças perdidas, de orgulhos illudidos; não havia sentimentos nobres que os inspirassem.

Nós, senhor, que não somos impedidos ainda pelos terrores da delação, nem movidos pelos torpes sentimentos dos pasquineiros dos reinados de Tiberio e Caligula; ousamos ter a pretensão de dizer a verdade.

Si a incerteza em politica é a anarchia, a verdade é a ordem.

Dos modos de adular o rei, a lisonja passou como já sedição, ha outro meio mais simples e mais efficaç nos Estados em que a ordem publica, os sentimentos nobres acham-se desprezados ou invertidos; a censura calumniosa, a satyra baixa e insensata encontra sempre ouvidos e recompensas.

Nos ultimos dias do reinado de Tiberio houve grande abundancia de diffamadores do poder imperial, por isso mesmo as residências imperiaes regorgitaram de cortezãos.

Entre os *patricios* dessa época parece-me que poucos eram aquelles que não tinham atirado á lama das praças

publicas, os vicios e as torpezas de que se cobria a familia dos Augustos no interior de seus palacios.

Deixemos á margem esta lembrança importuna dos tempos das ruinas de Roma, o tempo dos Cezares, e reatemos o fio das idéas de nossa carta passada.

Tinha-vos deixado sob a impressão dos phantasmas tinctos de sangue de Pedro Ivo e Nunes Machado.

Embora cahindo sob o bacamarte dos esbirros do presidente Tosta, Nunes Machado marca uma das grandes épocas de nossa historia. Fim de um glorioso passado, começo de um presente.....

Um homem que ainda ha pouco tempo tambem vos escrevia, e que o povo diz ser um dos vossos ministros; disse que *a honestidade politica cahiu com Nunes Machado deante das muralhas do Recife!*

Tirae as consequencias, e vereis que o rigor logico ordena que se responsabilise pela perda da honestidade politica, aquelle que consentiu na morte de um homem impellido pelas ondas populares a essas muralhas onde elle foi encontrar tão nobre fim. E tanto mais, que deve ser essa a opinião do vosso conselheiro que emittiu a arriscada proposição sem attender ás consequencias logicas.

As duas revoluções (de 42 e 48) em duas provincias differentes, e em épocas pouco remotas, não querem sómente dizer excitação de um grupo politico. Não, senhor, a opinião que balda dos recursos legaes porque lh' os tiravam, recorria a esse meio imponente da revolução armada, quer dizer mais que um despeito, quer dizer mais que ciumes partidarios, quer dizer que a nação protestava contra a politica demolidora que encetaveis; quer dizer, senhor, que o monarcha de então já não era a creança de 7 de Abril que permittira as sérias luctas do tempo da regencia donde sahiram as grandes reformas sociaes, ás quaes ides pedir emprestadas as glorias do segundo reinado. Quer dizer ueq

o signatario dos decretos de 42 e mais tarde das sentenças de 49, já não era o príncipe ingenuo, soffrego do mando que é tão charo aos adolescentes.

De fraqueza de espirito, de indecisão de vontade seriam os vossos primeiros actos; mas o que não era de um espirito incerto, de uma vontade vacillante, era essa politica dubia que inauguraveis com tanto *criterio* para a vossa rasão.

As reliquias da cõrte fradesca de D. João IV ou da *moralisada* cõrte de D. Affonso VI, muitas cousas vos terão entoadado, mas o que elles não conseguirão provar, é que a vossa politica tenha partido de um principio, a *ordem livre* (passe a phrase), que se tenha firmado em uma base, a opinião nacional.

Voltemos á vossa entrada no mundo politico.

Ao começardes o vosso reinado encontrastes no paiz um partido depositario das idéas do primeiro reinado, e que embora retirado do poder pela força das circumstancias, tinha á elle voltado com as crenças primitivas, que teria realisado antes do 7 de Abril, e que as realisaria si os verdadeiros interpretes dos sentimentos populares, a quem simulastes prestar ouvidos, não tivessem impedido o seu plano, como já vos disse, salvando o throno e o príncipe que nelle se sentava.

A vossa entrada na nova vida politica, assemelha-se á de um conviva, pelo qual esperam os donos da festa para completar o seu regosijo, e que ao entrar encontra uma quadrilha que a principio persuade-o brandamente, afinal impõe-lhe; porém chega o senhor da casa, manda correr os intrusos e sorrateiros convivas que transformavam as escadas do palacio em gargantas de despenhadeiros: está salvo! O que manda a religião, o que ordena essa moral que se não perverte, que se não acaba e que nascendo com o homem só o deixa ás portas do céu, onde não mais terá necessidade della?

A retribuição do favor recebido: não essa que sahe dos reaes e impenetraveis cofres; não, senhor, a recompensa digna dos reis e proveitosa aos povos; é, que aquelles ouçam a estes.

Basta que Augusto ouça o grande Mecenas, e Roma será grande.

Senhor, vale mais viver com o povo, do que dar razão ao dito de Vibio Prisco!

Si Domiciano desprezava os historiadores porque temia os seus juizos, é que elle amava a mentira; e vós, senhor, que primaes pelo vosso cavalheirismo deveis amá-los porque elles são a verdade severa.

Deixae que Vespasiano desterre Tacito, porque este era a republica, era o homem livre e franco, porque era emfim o antigo *cives*; entre Vespasiano e Augusto, passae á posteridade com o segundo.

A escolha do vosso primeiro ministerio pareceu uma tregua aos liberaes que tinham apoiado vosso pae, e defendido a vossa meninice; porém tão depressa subiam elles, e já, no dizer de um espirituoso escriptor, tinham elles motivos de sobra para arrepende-se. Com effeito para companheiros dos primeiros ministros que escolhestes foram chamados alguns dos homens que ainda na vespera vos tinham ultrajado! Ou o vosso espirito era já bastante esclarecido, como pensaram aquelles que despertaram a idéa da maioridade antecipada, e nesse caso devieis ver que elles tornavam-se impossiveis á marcha da vossa politica; ou então já bastante malicioso conhecestes que aquelles que vos podiam prestar apoio ao poder illimitado, cobrindo-o com o véo da infancia, eram os mais aptos para encetar a politica do segundo reinado que continuava a ser um appendice da do primeiro, inaugurada com golpes de Estado.

Não ha sahir.

E tenho para robustecer a minha opinião a vossa cons-

ciencia, a franqueza que deveis ao Estado como seu magistrado, e ao povo como homem honrado.

Senhor ! vosso pae ao começar a lucta descobriu o rosto, ergueu a viseira, e quiz que vissem nelle, não o discipulo dos Borgia, mas sim o descendente do Mestre de Aviz.

Os vossos Cleandros não terão cessado de dizer que as duas revoluções que rebentaram nos principios do vosso reinado, não passam de pequenas exaltações de espiritos refractarios á obediencia, de opposição de systema.

Porém, comprehendéis bem, senhor, máo grado a opinião do sr. de Peyronnet, que o systema desde que se torna a crença firme de um povo, a base sobre que repousa a organização de um Estado ; comprehendéis que o élo que une os principios entre si, deve conservar-se sempre o mesmo, sob pena da desordem sempre prejudicial ao poder que d'elle se affasta.

Com effeito, senhor, no systema representativo, que toma hoje na politica o mesmo character que o dogma em religião ; a harmonia da acção do poder com a opinião da nação é de stricta necessidade, porque é uma parte desse mesmo todo que põe em pratica o que a outra concebe ; é a arvore cujos galhos suspendem os fructos ao passo que as raizes acham-se occultas na terra.

Si é verdade que na decisão de um alto pleito, basta que haja um voto discordante, basta uma duvida para chamar á reflexão a justiça na applicação da lei ; basta que da cadeia do systema se desprenda um anel para que ella, dividindo-se em partes differentes traga a desharmonia dos poderes e a lucta entre si : porém um meio mais prudente recommendado pela politica e aconselhado pela rasão resolverá mais facilmente a questão, restabelecendo o equilibrio, e soldando a corrente interrompida.

E' a lucta entre o rei e o povo, desde que aquelle abandona a vontade deste de quem depende a sua existencia

e a sua força. Avaliaes, senhor, que toda utilidade está em que o rei identifique-se com a nação, impedindo essas revoluções violentas, reprovadas pelo systema politico moderno o antigualhas dos velhos tempos do absolutismo.

A primeira revolução deste reinado rebentou nessa provincia de Minas, celebre pelo seu amor á monarchia e pelo seu apego á independencia.

Fôra ahi, senhor, que vosso pae excitára o mais vivo enthusiasmo que é capaz de provocar um homem ; fôra dahi que tinham partido as primeiras tentativas da independencia deste solo onde nascestes ; foi ahi finalmente onde vosso pae foi retemperar as suas forças, já nos ultimos dias do seu reinado, e sentindo o acolhimento que esse povo lhe fizera então, voltou tão magoado, que não se deitava uma noite sem pensar na aurora do dia seguinte, tão amedrontado estava elle !!

E não seriam fundados os receios de vosso pae ?

O programma sobre o qual desenvolveu-se essa famosa revolução de 1842 foi claramente manifestado ; rebellavam-se contra um partido de ha muito reprovado, que pretendia de uma vez plantar o sceptro absoluto, e que vós persistieis em apoiar !....

Senhor, si tivéssemos de buscar na historia estrangeira um *simile* ao vosso reinado, pelo desprezo que se tem manifestado pela opinião da nação ; iriamos a essa historia da Inglaterra, eschola dos povos modernos, e ahi encontraríamos o celebre reinado de Jorge III, que ficou como uma lição dura aos inglezes !

Aquelles que tiverem lido a historia do reinado desse monarcha cujo principio o vosso eguala, e que no fim não sei si terão os mesmos pontos de contacto ; verão que o facto que characterisa essa época é a opposição constante, a barreira erguida de encontro á opinião.

Com effeito a maioridade do primeiro principe inglez

da casa da Hanover, foi como a vossa, ardentemente desejada por todos os partidos, para converter-se mais tarde em um motivo de resentimento para aquelles que a tinham desejado.

Ao principiar o seu reinado, Jorge III chamou ao poder um grupo cujo valor estava no seu devotamento ao principe, e nada mais.

Mas os homens gastaram-se, e o primeiro ministerio desapareceu pela sua sem rasão, substituindo-se por ministerios, cuja duração dependia da vontade do monarcha, até chegar ao governo do grande Chatam que vendo fugir-lhe a popularidade que o cercára, e desejando rehavê-la por todos os modos, fez que Burke dissesse que desde o dia em que Chatam procurou raadquirir a popularidade que se perdia, por meio de *ligas* de composição de ministerios *keterogeneos*, elle não foi mais um ministro !

Magnifica lição para aquelles que correm atraz da popularidade ou do mando atravez da confusão das idéas.

As coincidencias do reinado a que me tenho referido, sobresaem de tal modo, que obrigam-me ainda a voltar sobre elle.

Um historiador da politica da Inglaterra, assignala como causa do aniquilamndnto dos partidos, da desorganisação do systema politico, ao desprezo pela opinião nacional, a influencia crescente da corôa sobre todos os actos do governo.

O monarcha, ponto de emanação de honras e favores, tornou-se por isso mesmo um ponto de cobiça, um elemento de corrupção.

Depois da celebre revolução em que a nação fez comprehender á realeza a sua verdadeira posição, a Inglaterra mantem por muito tempo o terreno conquistado, até o momento em que os soberanos da casa de Hannover introduzem um systema de politica destruidor de todas as crenças e de todos os nobres estimulos, e que se manifesta com todo o escandalo no tempo do governo de Walpole.

O reinado de Jorge II foi suportado, passou como uma época de transição e de expectativa para o povo inglez ; a esperança de que um monarcha nascido no solo da velha patria de Alfredo-o Grande, partilhando todas as crenças patrioticas do povo, fizesse surgir uma época de maior gloria para o reino, calava todas as manifestações desse povo, celebre pela sua fidelidade ás instituições.

Enganaram-se.

O successor de Jorge II desmentiu as esperanças!

Subindo ao throno, Jorge III chama ao poder homens sem um laço que os prendesse á nação, pondo os partidos verdadeiramente enraizados nella á margem, para recorrer á uma opinião de côrte, e elevar ás regiões do governo aquelles que esquecião todas as instituições do paiz, para só verem a pessoa do monarcha.

A educação prejudicial desse principe, os homens de que elle se achava cercado que não cessavam de inocular-lhe as idéas de um governo puramente pessoal contribuíram extraordinariamente para que o joven principe alimentasse essa pretensão fatal ás monarchias constitutionaes.

Por occasião de sua ascensão ao throno, encontrava elle o partido liberal fortemente organizado, e que além de tudo tinha sustentado o governo dos soberanos anteriores e principalmente do pae do soberano actual, e o intrigante partido *tory*, composto não só dos homens que tinham apoiado os monarchas da casa de Hanover, como tambem daquelles que posto tivessem tramado a favor das pretensões desilludidas dos Stuarts, conservavam as suas crenças firmes sobre o governo absolutista da realza proscripta. Delles diz um escriptor do tempo, *que tinham abjurado seus senhores, porem conservado firmes os seus principios*: era claro, pois, que não só pelo desejo de restaurarem suas idéas, como tambem pela ambição de poder por meio do qual poderiam desenvolver o seu programma de um governo arbitrario, fizessem opposição renhida aos partidos existentes.

Os desejos sérios de um governo em que a vontade de um monarcha fosse tudo. e ao mesmo tempo a opposição vehemente que encontrava, despertaram no espirito do principe um meio facil de realizar o seu plano: esse meio foi a desorganisação dos partidos de verdadeira opiniao, o descredito dos ministerios elevados pelo parlamento; porque afinal a corôa encontraria o *campo livre* para estabelecer-se.

As intrigas de côrte começaram, choveram os favores, cresceu o proselytismo, e no entretanto ainda existia um ministerio que era preciso fazer cahir.

Era o ministerio em que sobressahia o vulto do grande Pitt! Algumas desavenças entre os membros do gabinete que teriam sido faceis de extinguir-se, com o genio do grande Pitt, foram aproveitadas pelo monarcha e por seus amigos fomentando a discordia no seio do gabinete: o resultado era facil de prever, o illustre Pitt, fiel representante do pensamento da nova Inglaterra, retirou-se do poder.

Mas ao abandonar o poder o ministro que resistira á vontade do rei, foi acabrunhado de honras por aquelle mesmo que tantas queixas tinha para dirigir-lhe.

E Pitt accitou as honras reaes!

Era o plano da corrupção, desacreditar o homem idolo do povo, e ganhar um amigo para a corôa.

Compreendeis bem o plano senhor?!

O frivolo favorito do rei foi chamado a substituir o primeiro homem da Inglaterra. Fervoroso adepto das doutrinas do governo pessoal não podia deixar de estabelecer a discordia no meio dos ministros liberaes que ainda se conservavam no poder e que não podendo resistir a vontade imperiosa do seu collega e ás innumeradas intrigas de côrte, virão-se obrigados a retirar-se.

Vós, senhor, que conheceis melhor do que outro qualquer a historia da vossa maioridade podeis melhor que ninguem fazer o parallelo entre os homens politicos de ambos os paizes.

Ahi não pára a imprevidencia do monarcha, que apesar de tudo era um homem piedoso, illustrado e cheio dessas virtudes que constituem o rei cavalheiro, mas que não bastam para o verdadeiro monarcha do systema representativo.

Enthronisa-se o partido dos amigos do rei com a entrada de lord Bute para o ministerio; o fim do monarcha estava alcançado, diz o historiador ao qual venho sempre referindo-me.

Dahi data a ostentação de um desprezo constante pela opinião publica: aquelles que ousavam resistir eram ultrajados pelo ministerio; o parlamento foi aliciado com a prodigalisação de favores, e se representações isoladas partiam do povo, encontravam uma barreira na indifferença dos ministros.

Esqueciam-se já da *petição de direitos* do tempo de Jacques II!

O docil principe lembrava-se do dito de sua mãe:

« Jorge sêde rei! » Tambem vosso avô tinha repetido cousa semelhante, « *Pedro; põe a corôa sobre tua cabeça!* »

Palavras que pela sua belleza devem ser-vos agradaveis.

A importuna presença de ministros que não lhe eram devotados, levava-o a conspirar de tal modo, que afinal desacreditados perante o paiz, não encontrando apoio, nem no povo que não via nelles os fieis depositarios de sua vontade; nem no rei que não lhes descobria a necessaria adhesão, retiravam-se para dar logar aos *intimos* da côrte.

Vós, senhor, que tendes bem claras ainda todas as tradições da nossa historia politica, comprehendéis que estas arbitrariedades em desacordo com a opinião do povo, acabam por irritar este, e tornam-se prejudiciaes ao poder que as inicia.

A politica do governo inglez segue sua marcha transigindo com a opinião, demittindo o ministerio Bute para chamar outros sob as mesmas influencias, até que impos-

sibilitado de continuar na resistencia, chama ao poder um ministerio liberal, que foi antes uma armadilha lançada á opinião, uma tregua concedida, do que um preito de homenagem do rei ás liberdades publicas.

Assim o ministerio representante da grande opinião da Inglaterra, foi fraco para resistir á influencia deletaria que se escapava das fendas dos reposteiros de St. James. A independencia que ainda nelle havia, era um motivo de descontentamento real; o principe tractou pois de combatê-lo ás occultas, e os ministros de retirar-se.

O principe que por ser inglez, nem por isso deixava de prezar a astucia italiana de Machiavel, empreendeu um plano mais ousado, cujo ponto de ataque seria a forte maioria dos *whigs*, chamando para isso ao poder o illustre *whig* Pitt, que tal não deixava de ser respeitoso e attento ás vontades reaes; para estabelecer um systema de politica, cujo ideal era o adeantamento e a grandeza da Inglaterra, repousando sobre a idéa da *concordia dos partidos*, que o rei perfidamente expoz, e que o patriótico Pitt honradamente acceitou, julgando que os seus talentos, a sua honradez, o seu amor á liberdade, e a concordia do povo, seriam a realisação do pensamento do mais bello governo!

Illusão!

Pitt cavou a sua ruina na popularidade que o protegèra; Jorge III a sua, no proprio poder que elle tanto ampliára, para afinal rebaixar a autoridade da Inglaterra a seus propios olhos e aos do mundo inteiro!

Senhor! deixo de fazer os parallellos que me saltam aos olhos, porque o sagrado respeito que vos devo, o receio de que estas cartas, si tiverem a felicidade de chegar até vós, vos causem tedio, impedem-me de proseguir no estudo deste reinado, que eu terei de invocar muitas vezes, e que vós que conheceis perfeitamente a historia de ambos os paizes, e que este povo que conhece a sua poderão com criterio apre-

ciar, e ver as semelhanças frisantes que em ambos se encontram reservando-me para mais tarde, quando tiver de fazer o exame interrompido das duas revoluções deste reinado, esforçar-me para que no meio desta confusão que vae deixo ver alguma cousa a lanterna do pobre

DIOGENES.

S. Paulo, 15 de Agosto de 1868.

## QUARTA CARTA

*Senhor!*

O pessimo systema até hoje seguido de dirigir-se toda a força da opposição contra os monarchas, tem sido causa de que, de todas as revoluções feitas, os povos não tenham podido tirar um proveito duradoura de sua obra.

Esquecendo os principaes e verdadeiros criminosos de todas as desgraças, o povo tem contribuido para que elles, no meio da confusão das luctas, abrissem um caminho á sua fortuna e viessem mais tarde rir de tudo e de todos.

De que serviu todo o enthusiasmo dos Francezes lançando as suas iras contra o *rei-martyr*, si mais tarde aquelles que o rodeavam viriam a ser os coripheus do despotismo militar de Bonaparte? Si mais tarde o conde Treillard, que tinha censurado o respeito idolatra com que os servidores de Luiz XVI o tratavam, tornar-se-hia o algoz do povo no tempo do Imperio; e o principe de Tayllerand, o heroe da *Federação*, regalaria com a mesma serenidade de semblante e espirito, os membros da Santa Alliança com os sumptuosos festins e jantares, productos do grande Carême? Para que serviu a revolução dos tres dias de Julho, si os devotados pares da *Chambre introuvable*, foram os sustentadores dos desacertos de Luiz Phelippe?

Assim, senhor, não quero seguir a rotina, deixo a pessoa *irresponsavel* emquanto nas orbitas da Constituição, para apontar-vos a vós e ao povo aquelles que hoje e sempre teem-se erguido em nome da *ordem* para abrir caminho ás suas arbitrariedades.

Foi por horror á anarchia, e em amor á *celebre ordem*, que Luiz XVI preparou as scenas do *Campo de Marte*; foi ainda por amor á *ordem* que Jorge III, com o seu absolutismo, preparou a ruina da Inglaterra; foi ainda soccorrendo-se á *ordem* que Bonaparte fez matar o duque d'Enghien e as listas de proscricção que deixaram logar vago para o seu excessivo poderio; foi em respeito á *ordem* que Carlos X lavrou as celebres *ordenanças* de Julho, que serviram-lhe de passaporte para o exilio de Hradschin; presando a *ordem* e receiando a anarquia os homens que rodeavam vosso pae, lançaram-lhe a prancha, para que elle se embarcasse na náu *Warspite*; foram ainda os sacerdotes da *ordem* os provocadores dos tumultos de 42 e da carnificina de 49 !!

E ainda consentireis, senhor, que elles continuem a usar por vossa gloria impunemente de um nome que não é sua propriedade exclusiva?

A *ordem*, senhor, foi o principio que sahiu do chaos para reger uma natureza harmonica; a *ordem* é esse principio pelo qual marcha a humanidade, realisando todos os fins, prescriptos pela sabedoria eterna; a *ordem* é essa serie não interrompida de factos necessarios, que teem o mesmo ponto de partida, a mesma rasão constante quo liga de um modo grandioso os seculos, e que só se quebrará quando approuver ao supremo e infaillivel Poder.

A *ordem* é a familia, a patria, a religião; principios que pertencem a toda a humanidade e que não podem ser patrimonio nem de uma nação, nem de um grupo de homens!

O principio da *ordem*, invocado pelos governos em quasi todas as sociedades, aqui ainda uma vez foi erguido como um sophisma ás puras e nobres aspirações do povo.

A bandeira hasteada pela revolução foi, á meu ver, e no daquelles que prezão a dignidade e a coherencia politica, a realisação de oneroso compromisso contrahido no dia em que pres'a-nos juramento á constituição do Imperio.

Si a ordem do mundo, como das sociedades, é o progresso, era bem de ver que o povo não quizesse retrogradar para tempos que lhe recordavão o seu abatimento, mas sim para epochas que fizessem a sua gloria na posteridade.

Entre todos estes sophistas que desembainhão as suas armas para se opporem ao desenvolvimento dos povos, existe uma classe que prima em fazer do passado, do presente, e do futuro uma idéa impossivel, substituindo-a por isso que chamão, permanencia, *statu quo*, ordem.

Si a ordem é uma garantia social, o progresso é seu fim.

Fazer daquillo que é sómente meio, ultima rasão de tudo, é mais que refalsada persistencia, e hypocrisia.

A ordem deve viver necessariamente do progresso, mas o progresso pode existir independentemente deste principio de permanencia.

Fazer da ordem principio unico de um governo, era constituir á sociedade na immobildade, era estabelecer a falsa supposição de que ha uma epocha além da qual não deve ir o desenvolvimento de um povo, é tornar enfim a sociedade refractaria ao progresso, que é o desenvolvimento das forças materiaes e intellectuaes de um povo, e que constituem a grandeza dos Estados.

Estes dous principios devem marchar em harmonia para o desenvolvimento de um governo.

Si pois no exercicio do poder, em detrimento de um destes principios eleva-se o outro, si em proveito da ordem sacrifica-se o progresso, teremos a sociedade jungida ao carro do poder, esperando e recebendo todas as suas inspirações dos agentes do governo.

Embora seja muito grata ao poder semelhante posição na sociedade, outra e mais digna deve ser a posição do povo.

Si a ordem sómente prevalece, si ella torna-se um principio estacionario, no dizer de um publicista inglez, todos os erros naturaes e possiveis em um corpo de poder, servirão para rebaixar quando menos a condição do povo.

Deixo de desenvolver toda essa theoria, que eu estou certo não vos é desconhecida, e que serve de base para o desenvolvimento das forças materiaes e intellectuaes de um povo.

Ficando certo que do progresso vem sempre a ordem, mas desta não vem aquelle, como da immobildade não pode vir o movimento.

Foi pois, em virtude destes principios que são por assim dizer innatos ao coração do homem, que os Mineiros empunharão as armas; e que o governo pedantescamente retrogado poz em campo todas as forças de que podia dispor, desde aquellas que ennobrecem a lucta em campo de honra, até aquellas que attestão a fraqueza dos governos, e dão pasto a vaidade e aos baixos instinctos de certos homens.

A mesma bandeira dos Mineiros havia de mais tarde guiar os Pernambucanos aos encontro das forças desse governo pertinazmente retrogado, e retrogradamente despotico.

E não será irrisão, senhor, que aquelles que provocaram o grande cataclysmo da revolução franceza; que precipitaram do throno a velha monarchia de S. Luiz em 1830; que prepararam a quéda de vosso pae, persistam em chamar-se homens da *ordem*?

Já vêdes que não é preciso ir muito longe para buscar o exemplo frisante do que vos fallo.

Os mesmos homens de 1829 foram os que por detraz dos bastidores fizeram mudar o scenario e appresentaram-se no mesmo character em 40 e 42!

Já vêdes, senhor, que havia sobeja rasão para que o povo se revoltasse contra essa ironia politica, e que a provincia de Minas, cujo espirito liberal é incontestavel, protestasse contra os destruidores das grandes conquistas que com tantos sacrificios obtivemos: mas a indole pacifica desse povo impedia que elle se manifestasse com violencia, e demais os principios consagrados pela nossa Constituição

e pelo systema moderno que nos rege, aconselhavam uma *reforma* que não tomaria o character de revolução, si a isso não se oppuzesse o espirito malevolo dos vossos conselheiros.

Um dos maiores direitos hoje consagrados, o direito da petição, que foi uma das mais nobres e mais elevadas creações da *constituente* franceza, e um dos mais sabios principios estabelecidos com todo o vigor na carta constitucional da monarchia popular de 30 ; e um dos mais respeitados e mais fortes baluartes da liberdade ingleza, foi posto de parte, e aquelles que o invocavam tornavam-se ponto de mira das iras dos ministros, e si, o que era raro, elles dignavam-se acceitar as representações, soffriam severas reprehensões, e além disso eram affastados da presença do monarcha como animaes damninhos, offensores ousados da prerogativa real !

Não é uma fabula que invento, não é uma falsidade que levanto, em torno de vós acham-se prestimosos adeptos das doutrinas olygarchas, e que tendo constante accesso juncto á vossa pessoa, minuciosas informações vos podem dar a esse respeito.

Os vossos ministros tornaram-se sublimes de arrogancia, requintaram de audacia e excederam os proprios favoritos de Jorge III no despreso com que tractavam as queixas e representações das municipalidades da Inglaterra e principalmente de Londres ; e si cá como lá os peticionarios não soffriam no interior dos palacios os insultos da creadagem real, era porque a honra de transporem os limiares dos palacios imperiaes nem lhes era concedida.

O escarneo chegou a tal ponto que nos archivos das secretarias dos ministros, que por sua missão tinham de receber as representações que partiam do povo, havia um logar reservado para receber a chusma de representações, e que o espirituoso functionalismo denominou — *a arca*.

Mal sabiam elles que diziam uma verdade, e que dirigiam a seus amos um epigramma mordaz!

Sim, arca que preservava no meio do diluvio e demoralisação que invadia o Imperio, as virtudes civicas que ainda existiam, e que haviam de passar como estímulo, e uma prova do que podem as convicções e o patriotismo de um povo!

Senhor, um dos maiores castellos das liberdades antigas e modernas foi o municipio, que tem chegado até nós sempre acompanhado das mesmas gloriosas tradições. Nada de novo vos direi, lembrando que foi no tempo da grandeza de Roma que originou-se o *municipio* e que tão venerado era não só pela republica como por aquellas cidades que tinham a felicidade de possui-lo; que na idade-media foi uma barreira opposta em toda a Europa ao despotismo feudal; e, si na idade moderna elle foi por muito tempo abatido, em muitos paizes da Europa conservava o mesmo vigor, e principalmente na Inglaterra, onde elle tem recebido a maior consagração. Já vêdes, pois, que tal idéa não podia deixar de ser introduzida entre nós, e mesmo, no tempo do regimen colonial, sabeis o alto respeito em que eram tidas as municipalidades da colonia.

Pois bem, de quasi todas as camaras de Minas choveram com todo o direito representações contra a corrupção do espirito liberal de nossas instituições, contra essa superabundancia do poder.

E nada; os pobres provincianos bem podiam repetir as palavras do grande accusador de Catilina!

A prudencia de um povo, como a do individuo, tem limites, porque mais, seria ignominia, baixeza, aviltamento!

Os ministros da *ordem*, depois de terem excitado o povo, do mesmo modo que o *toreador* nos circos hespanhoes provoca os touros, alcançaram o que desejavam, a lucta da qual sahiria alguém triumphante!

O povo, cansado de soffrer, revoltou-se!

O governo imperial tinha á esse tempo obtido um grande *triumpho* em outra provincia pelo *mesmo motivo*!

O vencedor da campanha, o Fabio da *Venda-Grande*, foi naturalmente apontado para dirigir o movimento das tropas imperiaes!

Deixemos o grande general no *ardor da lucta* que teve por fim a satyra da victoria de *Santa Luzia*, e voltemos ao ministerio, que nas illusões do proximo triumpho preparava as listas de proscipção!

. . . . .

O governo de então tornou-se celebre! E nem podia deixar de ser assim um governo dirigido pelo *patriotico* Villela Barbosa, que nas camaras de Portugal foi o unico brasileiro a dar provas de sua fidelidade á monarchia e do seu amor á terra em que nasceu, offerecendo-se para vir combater os rebeldes que preparavam o grande acontecimento de 1822!

O anno de 1842 ficará como uma recordação celebre da nossa historia, ponto de partido e começo de uma nova éra que tem sido de completa desorganisação social.

Foi nesse anno que manifestou-se, com toda a evidencia, a intenção de inaugurar-se uma nova politica, em detrimento de todas as liberdades populares.

O governo dos srs. Paranaguá (Villela Barbosa) e Bernardo de Vasconcellos, foi descobridor de verdadeiras curiosidades do systema representativo; foi nesse anno que realisou-se pela primeira vez, ao menos que eu saiba, a dissolução *prévia* de uma camara, que de qualquer modo era filha da vontade popular, e cujos defeitos não era da competencia do governo julgar, ainda mesmo depois della reunida!

Mas, senhor, as intenções dos homens que tinham feito o 7 de Abril, e que agora condemnavam uma revolução pacifica, e que posto não tivesse um fim tão serio e tão importante, comtudo tinha uma rasão de utilidade publica; eram outras e hypocritamente disfarçadas.

Mas eram os homens da *ordem!*

O desejo de uma lucta da qual sahisse triumphante o poder, era o seu verdadeiro *desideratum*, porque este era o principio que inaugurava o segundo reinado.

No primeiro governo formado depois da vossa maioridade, notou-se ausencia de um principio dominante, por onde se pudesse conhecer o character que tomava a nova politica, pelo contrario a incerteza, a duvida, a confusão predominaram nelle, patenteando o principio de uma desorganisação politica; mas tambem esse ministerio encontrou na propria confusão de sua origem a sua morte! Mas não acontece o mesmo com o gabinete de 42, ahi já ha um todo harmonico, um principio fixo, e esse é a ampliação da autoridade!

Erguia-se, pois, o poder de encontro á opinião nacional, que se manifestára com toda a clareza, e davam o signal dessa lucta confusa entre o governo e o povo.

Senhor, si na chymica o principio de Paracelso póde ser acceito; na chymica politica falha completamente.

Na chymica tiram-se resultados proveitosos da mescla de elementos heterogeneos, dos quaes sahe sempre um novo elemento de utilidade practica; na chymica politica, senhor, os resultados são sempre fataes. Da confusão das idéas, da mesclia dos partidos, sahe sempre victorioso um elemento de força; ou o povo, ou o rei. Um dos dous será sempre fatal ao outro, é consequencia logica.

Ai! senhor, do monarcha que diz:—venci meu povo; ai! do povo que diz:—venci meu rei. Em todo o caso, senhor, antes a victoria deste, porque aquelle sempre deixa o germen de um sentimento que lhe será fatal algum dia, porque alimenta na contemplação da sua derrota uma idéa de vingança, e neste não ha sinão tudo de bom a esperar-se; ha só generosidade, que não se desmentiu com vosso pae, nem se desmentirá com outrem!

Portanto, senhor, deveis ver que immoderada insensatez

presidiu a politica do vosso governo da ordem; que culpado foi o general que não quiz receber em seus braços seus compatriotas que nelle se lançavam, sómente para dar satisfação aos seus instinctos *bellicosos*, e derramar algum sangue, sómente para ter a gloria de uma ridicula victoria!

Pedindo emprestado um dito do *monarchista* Timandro, deixo de acompanhar o general vencedor que volta trazendo nos escaninhos mais reconditos da sua mala de viagem as suas corôas de louro; e chegemos até o gabinete onde os ministros preparam os formidaveis decretos, de alegria para uns, de tristeza para outros, de premios e castigos. Deixemos os ministros, quaes os ultimos *consules* decretando de seu alvedrio as *honras do triumpho*, que eram nos primeiros dias da grande cidade um dos poderes do senado, porque elle era o representante do povo.

. . . . . , . . . . .  
Os decretos das deportações de 42 serão tudo, menos actos de um governo prudente e sensato, de uma politica justa e razoavel.

A prova de que esses decretos eram puras machinações do grupo que, dominado pela idéa da *ordem*, tem por todos os meios cabalado o poder, está em que muitos daquelles que entraram nas listas proscriptoras do governo, uns vos eram pessoalmente dedicados, e a essa dedicação respondeis com a mais honrosa amisade.

Não quero que digam que são mal fundadas as verdades que avanço; bem perto estive eu d'aquelles que foram castigados pela sua dedicação á causa da monarchia, para poder fallar como fallo, concorrendo assim para rehabilitar com o seu fraco contingente, a memoria d'aquelles que merecem os applausos de seus concidadãos, e admiração da posteridade e si ainda uma vez fallei nesta revolução de 42 é porque nella começa a tarefa de destruição e de morte em que se empenharam os homens da *ordem*, e que

mais uma vez teve um solenne desmentido e um protesto energico nessa provincia de Pernambuco cujo heroismo causou admiração á côrte portugueza; e que mais tarde foi o campo das façanhas sanguinolentas do presidente Tosta!

Pelo que vos tenho dito sobre essa revolução, podeis ver, que todo o proveito, toda a gloria ficaria ao vosso reinado, si as imprudencias de um governo anarchico tivessem encontrado um impecilho; que não se derramaria o sangue dos pobres mineiros, si os vossos ministros não tivessem incumbido ao general do governo, que por meio de suas forças levasse a destruição á laboriosa provincia, si, emfim, tivessem ouvido as queixas do povo, e resolvido assim pacificamente a questão.

Um appello á nação, ou a retirada dos ministros recalcitrantes, eram as medidas rasoaveis.

Mas esses eram os meios de um governo popular; a *ordem* a todo custo!

Desculpaes, senhor, si ainda uma vez fallo essa verdade nua que é tão incommoda aos reis; mas, por favor, senhor, cerraes os ouvidos á essa raça de cortezãos, caravana infernal que traz sempre as bagagens promptas para acompanhar os favorecidos da fortuna, e os primeiros a abandonar áquelles a quem a fatalidade fere! Lembrae-vos que foram elles os primeiros a abandonar o ultimo Bourbon! Foram elles que voltaram o rosto quando aquelle que os tinha carregado de honras, que tinha collocado uma aguia nos seus estandartes, pedia-lhes auxilio para reparar o capricho da sorte em Waterloo! Basta, senhor, que foram elles que deixaram vosso pae só, quando elle procurava um amigo, um defensor, quando emfim procurava aquelles que lhe tinham guiado a mão!!!

Sabeis qual foi o fim de Jorge III. Odiado por todos, abandonado pelos proprios cortezãos, despeçado por aquelles mesmos a quem se via obrigado á pedir auxilio; cego e abatido.

errando pelos solidões de Vindsor, ia quando o acabrunhamento da desgraça lh-o permittia, buscar allivio ao piano á uma sonnata de Haendel!

E onde estavam os amigos do rei ?!

Ficae certo que de tal ingratição seria incapaz o povo que vos recebeu pressuroso em seus braços; e convencei-vos que o exemplo generoso do povo imitará sempre o desprezado

DIOGENES.

S. Paulo, 19 de Agosto de 1868.

## QUINTA CARTA

---

*Senhor!*

Bem longe está de mim o pensamento de ver algum dia *passar a monarchia carregando os seus proprios despojos*; bem longe de nós o desejo de ver o monarcha á semelhança dos ultimos Cesares, mendigando, cabalando a grandeza do seu poder, nas guardas do pretorio! Mas, tambem, senhor, quando a justiça pede a verdade, e a verdade espanca as trevas, força é que nos tornemos arautos da justiça, sacerdotes da verdade.

Bem podia ter Deus dado com uma parte da grandeza que empresta aos reis, uma parte de sua providencia; então bem poderíamos dizer:—*Senhor, vós valeis uma Constituição!* Assim não acontece, senhor, e si o systema moderno melhorou por esse lado a condição dos povos, tirando parte do poder illimitado do soberano para fazê-lo distribuir pelos cidadãos; por outro lado conservou o mesmo mal, porisso que abriu campo á lucta dos ambiciosos e dos especuladores de toda fórma, e bem comprehendéis que á sua influencia malefica não podia escapar a corôa, que hoje só tem os braços dos seus servidores para ampararem-na.

Esses, senhor, por uma sabia rasão tornam-se hoje os verdadeiros responsaveis dos males sociaes, os unicos réus, perante o povo, porisso que delle viveram.

E' pois, contra os mandatarios perjuros que se dirigem todas as queixas do povo, é contra elles que a nação formula o seu *justo libello!* Até hoje, senhor, a nação tem soffrido calma todos os insultos, todo o escarneo com que se

tem pretendido evitá-la; jogo arriscado em que ella poucas vezes perde, o que já seria bastante para intimidá-los, si elles não se julgassem bastante fortes para postergar todos os principios que constituem a verdadeira felicidade de um povo, e o nobre distinctivo de uma nação, unico juiz quando se tracta de medidas em que vae a tranquillidade de um Estado, e que é sempre de bom aviso respeitar, e ouvi-la quando ella o ordena. E' verdade, senhor, que ha um meio simples de cortar todas as altas questões, em que se tracte da ampliação do poder ou da liberdade dos cidadãos; e esse meio é uma dessas invasões perfidas e sornateiras, que se introduziram no systema moderno de governo por mina occulta, meio de inimigos desleaes! é elle o que tão emphaticamente na linguagem dos poderes despoticos se chama—golpe de Estado! Palavra de recurso, sem rasão que a justifique quasi sempre, bandeira de todos os partidos que pretendem o mando pelo aniquilamento! Assim o diz o famoso golpe de Estado de 2 de Dezembro em França! Assim foram dizer a todas as nações e a nós mesmos, tantas victimas illustres, que, escapas de um naufragio immenso, julgavam ver na superficie placida de nossas praias, auras de felicidade!

Quando uma victima cahe, si ella teve a impaciencia de soltar alguma exclamação de desespero, essas palavras ficam como uma ameaça eterna, porque a palavra dos mortos não morre!

A humanidade reuniu-se porque o Pobre de Nazareth, morrendo em lugar de castigo, pedia a seu Divino Pae o perdão! Não sou amigo da *cabala*, e nenhum credito dou a essas anecdotas que tão habilmente jogam os fanaticos, mas quando ellas se appresentam com certa solemnidade, o seu character lugubre pelo menos provoca a nossa curiosidade.

Dizem que uma das muitas victimas das proscipções do vencedor dos reis e dos povos, foi ter á uma ilha isolada da Oceania, e que ralado pelas saudades da patria, com o es-

pirito torturado pelo futuro da França, disséra em seus ultimos momentos, que morreria contente si soubesse que aquelle que tanto o tinha martyrisado havia de soffrer as mesmas dôres!

Esforço de imaginação, capricho da Providencia, o favorito da victoria, victima de uma desavença com a fortuna, exilado em uma ilha esquecida pela natureza, chorando o céo que animára sua infancia, viu seu ultimo suspiro, procurou o sol que lhe illuminára as campinas da Italia e viu sómente o espectro vingativo do desterrado das Philipinas! Procurou nos ultimos momentos aquelles que tantas vezes tinham desembainhado suas espadas para levarem a destruição por toda parte, e só viu aquelles que menos favorecidos de suas graças, admiravam-no extaticos, como os personagens do grande pintor, assistindo a transfiguração de um heroe!

Basta de recordações historicas, que afinal são cousas do passado, e jámais terão força para corrigir aos surdos à experiencia, e cegos á luz da verdade!

Deixa-los na sua peregrinação impune, que algum dia o povo juiz dir-lhes-ha ao pedirem abrigo — *caminhem! é a ordem!*

Na minha carta antecedente recordei-vos, senhor, os gloriosos effeitos da *ordem* nessa tão pacifica provincia de Minas e que não foram os ultimos a serem contemplados pela admiração do Brasil inteiro.

Mais altas glorias reservava-lhe o futuro!

Fallei-vos nos incommensuraveis triumphos do *vencedor* da Piratinim, e na grande conquista que fizera a ordem sobre o espirito subversivo do povo de Minas!

Não foram esquecidos os decretos de desterro, coroação indispensavel para o triumpho de homens que querem governar o deserto, porque ahi ha o isolamento da vida da natureza, a ordem inerte!

Cousa indispensavel em taes casos, os nobres ministros da ordem tinham fechado as portas do parlamento como o *lord protector*, tinham expellido para longe do paiz aquelles que ainda os vinham interromper no meio de seus festins, e isso a pretexto de um fim que invocam todos os governos que teem perdido a força indispensavel, a confiança da nação; rasão que seria uma rasão valiosa no tempo em que predominava o arbitrio, hoje condemnado; invocaram, dizia eu, a sophistica rasão *do bem publico* que invocavam as facções do tempo de Luiz XI, que invocaram mais tarde os avidos e ambiciosos fidalgos do tempo de Luiz XIII, que justificou o desenfreamento dos grupos da Revolução, e mais tarde a tyrannia de Bonaparte; e que nos termos alambicados dos politicos positivos se invoca com o nome de golpes de Estado, trincheira das olygarchias, ponte lançada ao triumpho da demagogia!

Para que repisar idéas tão conhecidas, e tão pesadas por aquelles mesmos que a ellas se soccorrem?

Depois da lucta vem a paz, as condições da rendição, em que muitas vezes deixa-se, como refem que se não resgata — a honra!

Os ambiciosos acham-se sempre promptos a acompanhar as grandezas e as fortunas do dia, porque na mutubildade de suas crenças, está a sua, o seu elemento de força!

Os governos quasi nunca despresam tão valiosos meios, e não seria o governo da *ordem* quem viria inverter a ordem seguida. E demais já no parlamento, um politico, aliás profundo, e cujo grande valor esteve sempre na ousadia com que atirava ao juizo do publico as mais atrevidas proposições, tinha proclamado o reinado da transacção em politica!

Cedem-se opiniões, mas não se repudiam idéas!

Esses traços salientes pintam as épochas em que elles se dão, e apontam-nas ao verdadeiro juizo da posteridade.

Sei que para responderem a isto, dirão que si os parti-

dos não estivessem dispostos a fazer certas concessões, seria impossível o governo.

Acceito e reforço, si é possível, a opinião daquelles que assim pensam.

Nos paizes em que verdadeiramente predomina a influencia da opinião, em que o systema representativo é uma realidade sensível, os ministerios não raras vezes transigem com suas opiniões para tornarem-se em simples corpos de execução, perdendo assim a sua immensa força de iniciativa ante a opinião da nação clara e vigorosamente manifestada.

Meio conciliador, paradeiro ás revoluções tumultuosas, é além de tudo um preito de homenagem rendido á opinião.

Na Inglaterra em que os governos consideram-se delegados da nação e não de um poder extranho á ella, tem-se visto dos maiores estadistas partirem estas satisfações ao povo e ás necessidades do paiz: haja vista, a abolição do *test*, o restabelecimento da *incometax*, e emancipação dos catholicos propostos pelo *tory* Peel, e com a renhida opposição de seu partido; sem ir a épochas remotas, bastar-nos-hia olhar para o ministerio ultra-conservador de Disraeli preparando-se para realisar as medidas ultra-liberaes de Gladstone e Bright! Mas ahi ha um alto principio social a respeitar, e os inglezes não se julgam superiores a elle.

Depois de 42 a opinião conservadora cedeu, para facilitar essa politica sem significação que presidiu á formação de todos os ministerios que se succedem até o anno de 1848. Os ministerios subiam e desciam sem saber dizer ao paiz as rasões que os tinham elevado, nem as que os tinham apeado do poder.

A *ordem*, coherente na sua marcha, comprehendeu a utilidade que havia em destruir lentamente, deixando que os homens se desacreditassem perante o paiz, porque no fim seriam elles os homens necessarios.

E com effeito viu-se o grande escandalo de ministerios sahidos de um partido, apresentarem-se desconhecidos perante as camaras, que viam muitas vezes nelles um desmentido formal ás idéas que apregoavam.

Era a calma na superficie, ao passo que o fundo preparava breve explosão.

De um historiador moderno copio as palavras que elle escrevia sobre a França, e que parecem modeladas para o Brazil, tal é a ligação intima que existe entre os factos quando os mesmos principios os regem.

Elle fallava dos ultimos dias do reinado de Carlos X.

Quer os olhares se fixem sobre a vida de um homem ou sobre a de um povo, dizia elle, nada ha mais surpreendente que o de um grande contraste entre a supercie e o fundo, a apparencia e a realidade das cousas. A fermentação sob a immobillidade, nada fazer e esperar tudo, ver a calma e prever a tempestade, é talvez de todas as situações humanas, a mais penosa para a alma e a mais impossivel de supportar por muito tempo!

Repeti as palavras do ministro de Luiz Phelippe, porque além de sustentaculo de uma dymnastia decahida, fallava como ministro educado na dura eschola da experiencia politica.

Reproduzindo a historia do começo dessa lucta que tinha de ser fatal á realeza, repetio uma verdade que sahe de semelhantes e desgraçadas épochas de estagnação politica, e cuja reacção é sempre funesta.

Foi a consecuencia da politica desatinada de Jorge III com o seu firme proposito de estabelecer a supremacia da prerogativa real — a demoralisação dos partidos, a confusão das idéas, o rabaixamento da dignidade politica, nascida da corrupção real.

Máu principio, máu fim...

Tal foi a situação dos espiritos nos tempos que mediaram

entre 42 e 49, em que o povo afinal sahiu da pesada atonia que o esmagava!

E bem tarde se aperceberam elles da luz que derramava seus raios brilhantes sobre as feridas de nossas leis fundamentaes, rasgadas pelas armas do absolutismo!

Então *tivemos mais de um Hampden*, mais de um Bechford ergueu-se para protestar contra as ousadas pretensões da politica dos homens da *ordem*!

A opinião conservadora via fugir-lhe o terreno debaixo dos pés, e procurou então reaver o terreno perdido, principalmente nessa provincia de Pernambuco, victima offertida em todos os sacrificios da pertinaz insistancia dos homens da *ordem*!

Duas eleições de senador havia então a fazer-se, e o ministerio da *ordem* ouviu fóra de si a resposta dada pela briosa provincia, e o senado, a assemblea dos anciãos, dos paes da patria, dos guardas imparciaes da constituição, desceu da sua alta dignidade, e vinha como o senado do tempo de Nero tomar parte nas luctas da arena! Aquelles que deveriam ser os primeiros a ensinar o respeito á opinião da nação, vieram pelo contrario apregoar o desprezo della!

Os senadores eleitos foram despedidos do senado, e os venerandos paes da patria sancionaram com seu voto o duplo insulto feito perante o paiz!

Nem o ministerio que isso insuflára, nem a provincia que os elegêra deram-se por satisfeitos.

Ambos buscaram novas forças: o ministerio nas bayonetas dos soldados, o povo no intimo das urnas!

Os homens da ordem, que tinham admirado a ousadia do orgulhoso povo, comprehenderam que era preciso a lucta para decidir do triumpho.

Como em quasi todos os paizes, as provocações ainda uma vez haviaõ de partir do governo.

Os homens de espirito maleavel são quasi sempre ar-

mas poderosas para os poderes arbitrarios e sanguinarios.

Um homem cuja posição elevada depois destes mediocres feitos tornou-se uma cousa sem rasão, foi o presidente mandado para acalmar os espiritos excitados da população, e hastear si preciso fosse, a bandeira da ordem sob as ruínas da bella cidade.

Repetir a perfidie que guiou seu governo immoral, repetir as cruezas e arbitriedades practicados por tal homem seria tornar-me banal; aquelles que o levaram a taes excessos, aquelles que delles foram victimas, já terão lançado o seu juizo, e hoje que a lapide de um tumulo o separa das luctas mundanas, devemos perdoar os crimes commettidos pelo fanatismo de um principio falseado. Calemo-nos sobre elle, porque ahi ficaram seus successores trilhando vida ingloria e arrastada!

. . . . .  
. . . . .

A solemnidade de um grande silencio exprime tambem o esquecimento de um grande crime.

Invoquem-se as razões, que houver, ergam-se muito embora em nome de um principio, os homens da *ordem* jamais poderão lavar as manchas de sangue que nodôam a bandeira de seu partido.

A marcha seguida pelo presidente Penna, os meios por elle empregados, foram considerados brandos de mais: e assim devia ser, o presidente que fazia uma reacção occulta e lenta, que não ousava atacar de frente a opinião publica, não podia ser bemquisto daquelles que pediam o triumpho á custa de lagrymas, se necessario fossem.

O desembargador Tosta foi o homem apontado!

Verdadeiro pretor do tempo de Commodo e Didio Juliano, o presidente Tosta manifestou por seus actos, que nelle havia negação completa de todos os sentimentos que constituem a belleza e sublimidade da alma humana.

Orgulho vão, disfarçado com o nome de dignidade; cholera imperiosa, denominada pelos homens da *ordem* energia; ambição descomedida encoberta com o nome de dedicação taes erão os traços visiveis que sobresahiam no character do homem que o capricho de um partido havia de tornar o governador de um povo, e, que por uma irrisão incrível, por uma ironia indecente, havia de ser mais tarde ministro da *justiça* em nome do principio da ordem legal e pacifica.

Ao chegar a Pernambuco o presidente Tosta, os cidadãos tremeram como os partidistas de Mario ao entrar Scylla triumphante em Roma!

Os crimes do presidente Tosta poder-se-hiam attenuar de algum modo, si elles fossem um castigo imposto aos delictos dos rebeldes; mas não, o poder poucos mezes antes provocára a revolta, procurára auxiliares no meio daquelles que agora eram repellidos como revoltosos, como destruidores da segurança social. E a rasão era bem simples, aquelles que mais tarde viram-se obrigados a empunhar as armas, já previam o resultado funesto dessa lucta entre o povo e o poder, e porisso recusaram quanto puderam auxilio a uma revolta que a final tinha para o governo um fim bem ignobil: conqnistar o poder por meio da violação e destruição das urnas, pela voz convincente do canhão!

Recrutamento desabrido e illegal; desprezo das mais comezinhas garantias constitucionaes; o asylo dos cidadãos transformado em sala das orgias infernaes de soldados ebrios, entre os risos e lagrimas erguendo vivas infames á pessoa inviolavel do monarcha; a liberdade de imprensa considerada letra morta da constituição; a torpe devassidão erguida ás alturas de glorias do poder; o assassinio elevado á cathegoria de meio de governo; eis as theorias que desenvolveu o scepticismo politico, ou cynismo incrível da administração do sr. Tosta!

O juiz e o salteador, o governo e o assassino, deram-se as mãos e marcharam junctos á conquista da desditosa provincia !

Os nomes de Vicente de Paula e Vieira Tosta, associam-se com o mesmo horror no animo dos pernambucanos aterrados com a lembrança de tão nefandas chronicas !

As armas só se justificam na mão do poder, quando ellas são o recurso extremo de um governo !

Mas havia, senhor, um motivo imperioso que provocasse tão rigorosas medidas ? achava-se por tal modo comprometida a causa publica que o governo se visse obrigado a tractar seus subditos como inimigos externos ?

Sim.

Havia uma eleição que fazer e que daria mais dous votos constantes aos homens da *ordem*, eram duas garantias mais para a segurança da vida do grande principio !

Era preciso vencer !

Embalde justificaram-se perante o governo os homens que o desespero levou a excessos ; em vão protestaram pelo seu apego ás instituições juradas ; tudo foi inutil !

Ainda nos principios da revolta appellaram para a nação, invocaram um meio legal como ultimo recurso, foi pedida uma Constituinte.

Deram-na, mais uma constituinte armada, o exercito e a marinha foram os legisladores supremos !

Nunes Machado, a victima innocente da revolução, nemtaes intentos alimentava em seu espirito : mas era um querido do povo, e ao povo não era permittido ter uma affeição, um defensor de suas liberdades.

O premio de sua dedicação foi o bacamarte do esbirro do presidente Tosta, e a do grande serviço deste, foi o titulo, mais tarde conferido de barão de Muritiba !

. . . . .

Não se satisfizeram com tão horrendos crimes, ousaram apregoar, em nome da pessoa sagrada do monarcha, o homicidio como um serviço relevante á patria !

Regressando a seculos atrasados, a tempos de feroz despotismo, desconhecendo o paiz e o tempo em que vivia, o sempre lembrado presidente Tosta, poz cabeças a premio !!!

Tal medida havia de ser o signal decisivo da victoria, os rebeldes comprehenderam que já não tinham inimigos francos a combater, e cederam, não ao illustre general Coelho levando as forças do governo em grande parada pelas ruas do Recife, mas sim ao punhal occulto dos assassinos !

Eis o padrão de gloria do actual campeão da *ordem*, que hoje senta-se á mesa do grande conselho da corôa, senhor !

Parecerá extravagante que vos lembre cousas que cahiram no esquecimento ; é preciso que vós saibais, que o povo o saiba, que no passado desses homens está o libello accusatorio, o desmentido solemne, de um presente que embalde procuram disfarçar.

Os acontecimentos que se succedem, a analogia que os prende aos factos que precederam á revolução pernambucana, é uma circumstancia que não deve ser esquecida, é preciso avivar-lhes o remorso, e lembrar-lhes que a justiça de um povo, como a justiça divina, persegue-os mesmo além do tumulo.

Continuem muito embora, senhor ; cercêem todas as liberdades, façam muito embora calar a opinião publica, empunhem as armas, que, no dizer de Timandro, não conseguirão fuzilar as idéas do povo e do crente

DIóGENES.

S. Paulo, 26 de Agosto de 1858.

## SEXTA CARTA

---

*Senhor!*

O presidente Tosta, hoje vosso conselheiro, passou por Pernambuco com as forças imperiaes, como os chefes barbaros com suas hordas selvagens pelas cidades italianas. Como a vingança elle passou, porém deixando atraz de si aquelles que viriam substituir as virgens consoladoras que acompanhavam a deusa do exterminio!

Bem apezar dos sacerdotes da ordem, o marquez de Paraná foi o anjo da paz!

Mas de que servia tão rapido consolo?

Porque não acabar a empreza começada?

Era bem simples a razão, a *ordem* já não tinha a quem intimidar, mandava-lhes para substituir o dominio do assassino, o imperio do juiz!

A'quelles que lhes viessem pedir contas de tanto sangue derramado, de tantas victimas illustres, os ministros, os soldados da *ordem* responderiam como Tiberio, com ar contricto: *não o mandamos, mas já que o fizeram, seja exemplo!*

Evasiva cobarde de quem nem coragem tem de ouvir as imputações de crimes que o maior sigillo cobriu; essa resposta só justifica um refalsado criminoso.

Embalde quiz o grande estadista que a voz da justiça se fizesse ouvir, em vão luctou para extinguir o odio entre vencedores e vencidos; tudo foi inutil, os homens da *ordem* tinham de si para si, que generosidade com os vencidos é baixeza; que a paz com irmãos, era dar prova de vil cobardia; cobriram o nobre marquez de exigencias so-

bre exigencias, que tinham por fim nada menos que limpar a provincia dos grandes criminosos, que encommo-  
davam a consciencia escrupulosa dos heroes dessa carni-  
ficina que ensanguentou cidades inteiras ; purificá-la emfim  
da peste que encommo-  
dava o olfacto nimiamente delicado  
daquelles que não se pouparam de insultar depois de al-  
guns dias o cadaver de Nunes Machado !

Na barbara Asia os mortos são sempre objecto de grande  
veneração !

Emfim, tudo isso era nada, a ordem triumphára, o paiz  
era *feliz*, atirado ás prisões e aos presidios militares, e os  
ministros eram então os predilectos da fortuna, eram os ven-  
cedores, e na ebridade de suas glorias, exclamavam em  
grita desabrida : *viva o Imperador !*

Ralado de desgostos, vendo os transees incrives em que  
estivera o paiz em tão curto espaço de tempo, o marquez  
de Paraná concebeu um grande projecto, que seria o pre-  
ludio de uma nova éra, arthas do pacto de confraternisa-  
ção da familia brazileira. A idéa era bem nobre, os corte-  
zãos bem astutos, os especuladores sem conta.

Os homens honestos, os partidarios de convicções puras,  
de sentimentos que só o puro desinteresse pode despertar,  
são testemunhas dos ataques repetidos, e da nobre resis-  
tencia que oppoz o illustre estadista ás desarrasoadas pre-  
tenções dos corypheus da *ordem* na provincia de Pernam-  
buco.

A consciencia desses homens que gyrão nas espheras su-  
periores, é sempre inabalavel á essas sugestões indignas e  
impertinentes.

Forçoso é confessar que o estado que apresentava o Brasil  
inteiro era lastimavel.

Durante poucos annos do dominio da ordem, nada menos  
de cinco rebelliões sustentarão-se no sul e no norte do Im-  
perio !

Era impossivel manter uma tão tristonha, quão amargurada situação.

Era preciso chamar os Brasileiros á concordia, e em arrhas da paz, determinar qual o character, quaes os principios que ião reger a nova epocha.

A politica da conciliação teve a sua nobre e elevada origem nessa ponderosa causa politica.

Embora deturpada na sua execução, mal vão aquelles que só tem tido maldicções para lançar contra uma situação mais filha da necessidade do que de outra qualquer causa.

Pobre marquez ! talvez tivesse hoje de soltar uma exclamação de desanimo, como o pobre maniaco do monumento de Goethe ao contemplar o resultado de sua obra que lhe custára tantos annos de penosos trabalhos !

Alma fadada a grandes destinos, espirito que via além das paredes de uma secretaria ministerial, coração que ambicionava mais que uma pasta, o illustre Paraná girava na esphera dos grandes homens ; quiz imitar o grande Pitt, quiz a concordia dos partidos, e não se lembrava elle que armava o instrumento de sua propria ruina, e a de sna patria ; não esperava elle que os aulicos de Saint-James ressuscitariam no palacio da Boa-Vista e ahi urdiriam negra conspiração.

Uma vez consolidado o imperio da ordem, arrazados os obstaculos que impediam as vistas invazoras do poder, que esperar ?

A lei ? ! A justiça ? !

Mas podia ella partir de vencedores convictos da sua força e da fraqueza de seus inimigos ?

Podia a justiça vir daquelles que não enrubeceram ao entregar as insignias do mândo ao chefe de uma quadrilha de salteadores, a Vicente de Paula ?

Com o campo livre, o poder achava-se desembaraçado, só, nada temendo, arbitro supremo, com que contava o

povo? Com a mofa no dia do julgamento; com o sarcasmo naquelle em que elle protestasse pela sua liberdade!

Eis tudo.

Agitando em uma das mãos a bolsa, o cofre das graças, a fortuna emfim; tendo na outra uma espada, apontava para as urnas, enquanto o parlamento continuava esquecido, sem ter ao menos quem lhe puzesse o letreiro ignominioso, que infamou o parlamento inglez!

Senhor, conta-nos a historia que um dia Luiz-o-Grande encommodou-se com uma floresta que lhe impedia a vista; o que ouvindo um prestimoso cortezão, deu tractos á imaginação para destruir o obstaculo aos raios do sol que havia de illuminar a França inteira por muitos annos: conseguiu-o; e no dia seguinte, quando o monarcha repetia o seu real descontentamento, viu como por encanto cahir a frondosa floresta!

O pobre d'Antin não sabia o que fazia!

O grande rei comprehendeu que, assim como a um simples desejo seu, as florestas curvavam-se, á sua ordem abaixar-se-hiam as altivas cabeças que o perturbassem com a sua arrogancia.

Dictando a lei, marcando o limite das convicções, dando preço ás idéas; os ministerios que se seguiram á morte daquelle que a justiça já proclama um dos primeiros estadistas brasileiros, perveteram a nobre idéa do grande estadista!

Tanto melhor, a politica annunciada pelo illustre Marquez pedia ainda alguma franqueza, e muita firmeza de convicções; tal politica não podia convir aos planos do cortezanismo, que secretamente conspirava, porque ainda não era chegado o momento de soltar o terrivel grito das legiões vencedoras de Roma:

*Vae victis!*

E bem podiam elles lançá-lo aquelles que ião tomar

parte nos leilões dos characteres, nas bacchanaes eleitoraes, onde a urna era para elles o mesmo que a taça do brinde final do funebre banquete dos senadores de Capua !

Qual foi o resultado da politica ingloria e sem crenças á cuja creação os homens da *ordem* assistiram impassiveis ?

O que foi a politica de Jorge III para a Inglaterra ?

Para que narrar a historia ingloria dessa politica que seguiu-se á morte do marquez de Paraná !

Convertido o poder executivo em poder supremo, não tendo inimigos á vencer, proclamam bem alto o reinado da transacção, a apostasia convertida em titulo meritorio, a vaidade com alto premio nas cotações da praça politica, taes foram os flôrões que adornaram o evangelho da nova era.

Como meio de transição, a nova politica teria existido brilhantemente, como em todos os paizes, si ella tivesse sido sómente uma cousa de circumstancia, recurso de momento.

A politica inaugurada foi habilmente aproveitada pelo cortezanismo, applaudida por todos, sustentada pela maior parte; só viram nella uma cousa reprovada, quando não lhes serviu aos interesses privados, e não deu mais alimento á vaidade.

E porventura não era conveniente passar desapppercebido por entre a multidão, occulto sob um disfarce, acotovellando-se todos sem conhecerem-se, ferindo sem ser visto, plena mascarada em politica, tudo isso era bello, magnifico, e mais que tudo, conveniente aos interesses dos *desinteressados* politicos.

E o que faziam os homens da *ordem* ?

Tomavam parte na phantasia, e de vez em quando lá soltavam suas queixas para não ficarem de todo esquecidos e continuavam, alguns cultivando as lettras nas delicias de alguma Tibur, outros a bem da patria entregavam-se a rendosas sinecuras, e continuavam mansamente vivendo nessas empoeiradas Capuas !

E quem primeiro deu o grito de alarma! Quem primeiro sorpreheu os romanos que minavam o acampamento de Aníbal?

E' desnecessario dizer-vo-lo: os liberaes que ao prestarem o seu contingente á nova politica tinham appresentado as condições do auxilio, foram cobertos de ridiculo por aquelles mesmos que mais tarde haviam de retirar-se traiçoeiramente da alliança, porque viam acenar-lhes para campos mais fer-teis!

Hoje no vosso concelho sentam-se muitas das felizes vic-timas da passada situação, muitos dos dormentes, que por felicidade ao acordarem no meio do somno delicioso, não esqueceram uma das diversas linguas que fallaram outr'ora.

No isolamento da desgraça apenas se lembraram de fazer as suas especulações, desde a dignidade do politico até a boa fé do povo; nada foi poupado, nem mesmo a vossa credu-lidade. Planejavam nas trevas!

Uma guerra infeliz veio augmentar as nossas desgraças, e, cousa admiravel, as nossas rixas com as republicas vi-zinhas tinham-se originado no dominio da ordeni.

Com as desgraças da patria, especularam como Antonio com as feridas de Cezar!

A questão do bem geral foi convertida em questão de partido!

Confrange-se o coração, acabrunha-se o espirito ao ter de registrar no livro da nossa historia politica, essa pagina negra, que servirá á posteridade de padrão para a falta de patriotismo, e talvez que até de desculpa e estimulo para sentimentos pautados mais pelo interesse do que pela dig-nidade.

Cresce sobremaneira a nossa admiração, quando na calma apreciamos o proceder desses homens que não tiveram bas-tante dedicação para imitar os nobres exemplos dados pelos outros payses, tão frequentemente, e ainda nos ultimos tempos

dado pela velha, orgulhosa e patriótica Inglaterra. Louvo-me para isso no que disse o nobre e patriótico conselheiro Euzebio.

Propósito determinado, arma de opposição, a procrastinação da guerra serviu aos seus intentos. Desconhecendo os exemplos dados pelos paizes adeantados em civilização e practicas representativas, os homens da ordem não tiveram bastante dedicação para esquecerem os odios politicos no dia do perigo commum.

Cousa fatal em taes casos, consequencia forçada de taes crises, as finanças haviam de soffrer, o credito havia de baquear; nada havia de novo em tal situação!

*Primeira* campanha em que o heroismo brasileiro havia de mostrar-se, em que a honra do Brazil havia de ser vingada pelos brasileiros, a guerra em que nos empenhavamos havia custar-nos immensos sacrificios de sangue e dinheiro.

Porque accusar os ministerios que nem tempo tinham de realizar as medidas que annunciavam, por isso que cahiam com a mesma rapidez com que subiam, e, ora por opposição systematica dos homens da ordem, ora por causa estranha á politica, retiravam-se quando começavam a reparar os erros indesculpaveis de uma dominação de 14 annos que correu sem encontrar perturbação no meio do seu quietismo!

Quaes tinham sido os fructos da politica no Rio da Prata? O erro infantil da construcção de uma fortaleza de primeira ordem ás margens de um rio de uso commum, e o compadresco de um dos nobres ministros actuaes com um dos presidentes das republicas rebeirinhas!

Grandes felicidades para o paiz que taes tractados fazia.

Os srs. de Metternich, de Talleyrand, e Palmella, ficariam pasmos de admiração deante de taes portentos da nossa diplomacia no Rio da Prata.

E os homens da *ordem* gritavam em côro: *subamos nós e vereis!*

Na primeira campanha as suas judiciosas observações não foram esquecidas e o illustre conselheiro Paranhos foi certificar os caudilhos do Estado Oriental, e os offensores da bandeira brazileira, do grande tino de sua diplomacia.

O tractado da villa de União foi fazer apprendice aos tractados de 57, e tornou-se mais uma pagina de *gloria* do actual ministro dos negocios estrangeiros!

Deus o inspire melhor, para que o sublime da guerra que intentamos, não seja coroado com o ridiculo de uma paz aviltante em qualquer caso.

A comedia depois da tragedia só tem rasão nos espectaculos de theatro.

Vinham, pois, todos estes males augmentar a desgraça de tal situação; e pela desorganisação dos partidos, pela estincção de todas as crenças, por tudo que hoje pesa desgraçadamente sobre nós, fazendo entristecer-nos no interior, e envergonharmo-nos no exterior, a quem accusar?

Não o sabemos.

Accusado por todos os partidos que pediam-lhe conta de suas bandeiras, rotas ou esquecidas, o celebre Pitt, o unico talvez que se salvára do noufragio conservando firmes as suas crenças; o ministro, o parlamentar cujo respeito á lei era immenso, interrogado ao sahir do ministerio pelas desgraças que todos lamentavam e que ninguem procurava remediar, respondeu-lhes: « mylords, não accuseis a pessoa alguma, desde a ascensão de Jorge III o poder não tem pertencido aos ministros, mas á uma influencia irresponsavel, invisivel, influencia tão baixa como perversa.

« Devo confessar com dôr, que eu mesmo fui illaqueado e adquiri á minha custa a triste convicção de que nenhuma administração independente é possivel. Si quizesse sujeitarme á influencia, de que se tracta, e acceitar a responsabilidade sem o poder, ainda até hoje eu seria ministro. »

Essas palavras desculpavam todas as administrações passa-

das, e justificava a situação politica que o grande estadista de muito boa fé creára, e que vira pouco a pouco perverter-se, e tornar-se em arma do absolutismo do principe demente e cego no fim de sua vida.

Magnifica lição!

Essas palavras devião estar sempre no pensamento daquelles que guião-se no seu proceder, mais pelo poder do interesse, do que pelo interesse de poder patriótico, e que prefere a desgraça, ás honras em detrimento da dignidade propria!

Como não devia Jorge III regogijar-se si todos os ministros ti-vessem a linguagem do grande Pitt? E como se não ennobrecerão todos os ministros si como elle procedessem?

Ah! que sobre isto bem poderia dizer cousas que até hoje vivem em sigillo indisculpavel nos labios de ministros que tem apparecido na politica da mesma maneira que os comicos no palco.

A' nós terião poupado a indecisão e a confusão de ideias e partidos em que vivemos, á Inglaterra essa pagina desairosa para sua historia.

Não digo que tenham applicação a nós taes palavras; a nossa constituição declara a *pessoa* do monarcha *inviolavel* e sagrada, e para desobedecer ao preceito constitucional, por certo não dará o primeiro passo, o humilde

DIOGENES.

S. Paulo, 3 de Setembro de 1868.

## SEPTIMA CARTA

---

*Senhor !*

No momento em que vos escrevo representa-se uma comedia em que a dôr corre a par do riso ; a baixeza á par da honra uma scena indigna dos paizes em que a civilisação é tida em alguma cousa, e a materia do governo, sinão é uma cousa já definida pelas lucubrações dos philosophos politicos, pelomenos já é assumpto esclarecido pela experiencia dos governantes.

Ainda uma vez no Brazil, (e com compaixão o digo), vota-se !

Votar suppõe um acto de uma vontade livre e independente ; uma manifestação pura da opinião nacional. Dia em que o povo vem manifestar a sua reprovação, ou approvação ás cousas e aos homens, o dia do voto é um dos mais solemnes em que a nação falla.

Ha dous dias em que o cidadão é grande e digno do respeito e da admiração de todos : um é aquelle em que elle, em presença de um homem que delinuiu contra a religião, a moral e o Estado, tendo em suas mãos uma missão quasi divina, lança a sua sentença ao perturbador da ordem social ; outro é aquelle em que juncto a uma urna, elle pesa os seus direitos, olha para si mesmo, e para aquelles que, representantes das suas necessidades, teem o dever de estar sempre attentos a elias, a realizar a vontade que lhe foi delegada, julga os que já o foram e os que o serão ; e uma cedula vae decidir da prosperidade do paiz, ou antes garante a sua propria vida e seus direitos.

Esse é o dia de um povo livre, é o dia da eleição de seus legisladores parciaes ou geraes.

Si no primeiro caso o juizo condemnatorio é imposto áquelle que já delinuiu, no segundo a par do prazer, do triumpho de uma idéa, vae tambem uma ameaça condemnatoria, para aquelles que esqueceram o valor de seu mandato.

Consulta dirigida á opinião do povo, é preciso que este se não veja coagido, para que o seu julgamento tenha valor.

Si a compressão sobre o que vae julgar em nome da justiça social, é um crime horrendo, a violencia áquelle que vae julgar em nome da justiça politica, deixa de ser um crime cuja hediondez impõe respeito, para tornar-se em uma immoralidade que repugna á vossa consciencia escrupulosa, e a um espirito recto.

Base do systema que nos rege, si algum elemento vicioso corrompe-lhe a pureza, terá abalado, sinão desorganizado, todo o systema !

Tendo conseguido destruir a força dos partidos, o governo acha-se hoje unico habilitado a entrar no pleito eleitoral.

Empregos rendosos, agradaveis sinecuras, honras para saciar a vaidade ; a força armada quando encontrar sérios obstaculos, o proprio imposto de sangue como a mais formidavel ameaça que se possa fazer aos cidadaos amantes da familia e da tranquillidade do lar domestico, todos estes meios são recursos do terrivel cabalista !

Dispondo de espiritos fracos e malfazejos, ou completamente nullos e promptos a acompanhar as peripecias do governo, os ministros encontram homens promptos a descer da sua dignidade de primeiros magistrados, para prestarem-se à falsificação dos votos, e á compressão da liberdade dos individuos, decorando-os com o titulo de — presidentes de provincia — quando não passam de simples batedores das carruagens ministeriaes.

Os ultimos imperadores romanos costumavam, quando viam perigar a causa das facções que os tinham elevado, enviar ás provincias certos magistrados tirados da creadagem dos paços, e de dentre os cavalleiros envilecidos pela adulação, a que chamavam proconsules e que eram acompanhados por assessores que a maledicencia muito simplesmente chamou — delatores — e a que elles finalmente se habituaram, fazendo garbo da sua honrosa posição: a sua missão era intrigar, e ganhar por tal meio adeptos á causa que defendiam, entre os partidos inimigos.

Si a posição dos presidentes de provincia não é identica pelo nome, ao menos o arremedo de caricatura muito os approxima do original.

Os enviados do Cesar reinante levavam comsigo carta branca para sua acção, e os nomes daquelles que a cholera imperiale fulminava, ou recommendava aos elevados cargos da magistratura militar ou civil.

Aquelles que teem noticia de presidentes que, ao partirem para suas provincias, levam já lavrados os decretos que marcam á escolha popular os nomes que teem de compor o parlamento futuro, bem comprehendem que os nossos presidentes bem longe estão dos enviados romanos!

Os proconsules ainda tinham a facecia de fallar-lhes em nome do senado, de dizer francamente suas intenções, dirigindo-se muitas vezes a nacionalidades completamente diversas da sua. Os nossos presidentes teem a prudencia de fazerem tudo mais occultamente, e tractar com gente conhecida.

Os romanos não tinham certos recursos, que hoje são de grande auxilio para os enviados de nosso governo. Não me consta que os enviados dos imperadores tivessem o poderoso meio das designações, do recrutamento, e outros muitos que facilitam a porção dos nossos governántes; e não querendo commetter um erro historico que os possa offender, abstenho-me de comparações!

E' uma verdadeira comedia que veste muito mal as roupas do drama : o desageito deixa-lhe vêr o verdadeiro character, e os homens sensatos riem-se do modo e do ridiculo que se espelha no rosto dos actores dessa farça.

Muitas vezes o estado ridiculo do physico, augmenta ou o desdem ou a compaixão pelo desgraçada estado moral do individuo que se apresenta com o pomposo titulo de votante !

E' uma comedia em tres actos.

No primeiro, o governo toma uma mascara e os disfarces, e prepara nos bastidores o papel que deve representar, junctamente com o votante que se apresenta com a mesma importancia que illude um actor secundario que se acha encarregado do desempenho do papel de um alto personagem, cuja posição em scena é nulla. No segundo acto, é onde o enredo da peça se desenvolve com mais graça ; o semblante ameaçador dos enviados da policia, a posição ao mesmo tempo arrogante e timida do votante, provoca o riso pelo contraste.

No terceiro acto, desato-se o enredo da comedia, e só apparecem em scena um povo acabrunhado com o seu rebaixamento, um governo satisfeito com uma victoria ingloria, em que a lealdade fugiu á honra, e para completar o quadro, como mais composições dramaticas antigas, um coro prompto a lançar censuras e louvores sempre á parte magoada.

O votante entra na igreja com uma cedula, e o governo com uma thesoura.

O cidadão entra muitas vezes com a verdade em suas mãos, e o governo com a fraude.

Consequencia de um principio falso, effeito de uma causa fraudulenta, a eleição dos deputados ha de forçosamente reproduzir a vontade invasora do 'governo.

Caminho para as camaras unanimes aberto ao arbitrio, a

eleição de tal modo apenas dá uma força illusoria e indecisa ao governo que apoia.

Manifestação falsa da vontade nacional, a camara irá para um lado, ao passo que a nação caminhará por outro.

Passando por diversos cadinhos, a vontade nacional, quando chega ao desenlace da questão, já vae tão depurada, que seria impossivel reconhecer a homogeneidade da sua origem.

Quasi sempre composta das mediocridades de um partido, só querendo a representação do nome, e a vaidosa e irrisoria ostentação de seu poder, a maioria caminha sempre para o lado apontado pelo governo, é a chancellaria de todos os desmandos, embora resprovados por aquelles mesmos que contribuíram para sua formação.

Dispondo do poderosissimo meio do patronato, influindo directamente sobre os deputados com a seducção de lucrativos empregos, e sobre o corpo eleitoral por meio dos proprios deputados, a sciencia do governo no nosso paiz consiste em ultima analyse em constituir uma clientela compacta.

A opposição, si a ha, destroe-se pela rivalidade, e cubiça da prosperidade alheia, a maioria torna-se tanto mais firme e numerosa, quanto maior é o numero dos favores de que póde dispor o governo.

Predominando antes o governo que a opinião; prevalecendo ante o interesse individual que o interesse publico, as conveniencias mais que as opiniões, os laços que prendem e fazem a força dos partidos extinguem-se, e a inercia substitue o movimento.

Tal é o estado da politica ha muito tempo, e com maior força, depois que a idéa do marquez de Paraná foi aproveitada, e pervertida para satisfazer ao desenvolvimento de um plano occulto.

A demonstração bem clara do que digo, está na formação

desses ministerias que dahi até hoje se teem appresentado ás camaras, sem côr politica bem distincta, sem uma idéa capital e verdadeiramente util á sociedade, em seus programmas; na contradicção não raras vezes patente, entre um gabinete que se forma e a maioria que o sustenta, ou que elle conta ha de sustentá-lo; e principalmente no modo anti-politico pelo qual elles se formam, trazendo em resultado ou uma duração ephemera, ou um apoio indeciso, adquirido muitas vezes de uma maneira pouco digna para aquelles que o dão ou para os que o imploram.

A questão toda se tem resumido em que o ministerio possa vencer a opposição em qualquer votação, não importando a superioridade da maioria.

Não poucos ministerios se tem formado de homens que ainda na vespera se combatiam, e para quem uma pasta é um ponto de união e de esquecimento de antigas offensas.

O grande escandalo que teem dado certos ministros ao retirarem-se do poder, denuncia francamente um vicio de organização ou partido delles mesmos, ou da causa que os reúne.

Ministerios teem havido, que teem esgotado todo o tempo de sua duração, em deffinirem-se, e deffinir ou os deputados que os apoiam, ou aquelles que os censuram.

Encerra-se uma sessão, quando a camara não deixa a vergonha da incoherencia de seu apoio aos ministerios que se succedem com incrível rapidez, pelo menos dá á nação a grande felicidade de ella ficar sabendo qual os differentes modos de pensar de seus representantes não manifestados em documentos de utilidade geral.

O governo escapa mui livremente aos perigos da discussão, e fica habilitado a continuar a sua empreitada administrativa. Fica o ponto de adoração de todos.

Os partidos extinguem-se, e o systema falseia-se.

Não é o Brazil o unico paiz a dar o exemplo de semelhante esterilidade politica áquelles que a tudo se apegam.

A Inglaterra teve tambem a sua época de desorganisação ou antes de inercia, mas a Inglaterra tambem teve um Pitt.

As rasões que lá predominavam para a extincção dos partidos, muito differentes eram das que hoje se invocam para legitimar a situação politica do Imperio.

A politica de Pitt, embora levada para o mal pelo espirito intrigante de Jorge III, teve em seu principio um fim muito louvavel, e a situação quer interna ou externa da Inglaterra muito favorecia o congraçamento dos partidos, posto que elles conservassem guardados, porém não despresadas suas bandeiras politicas.

A crença firme do povo que via no grande ministro, no dizer de um habil historiador da política ingleza, o salvador da igreja e do Estado, um ministro cujas idéas patrioticas tendiam todas ao engrandecimento do paiz quer no interior, quer no exterior, contribuiam a chamar o auxilio de todos.

Estava isso na indole eminentemente nacional do povo inglez. Mas tambem era uma politica de transicção; e tão depressa passou ella do tempo de sua duração plausivel, como foi habilmente aproveitada pelo rei para estender a influencia da corôa.

Não obstante, o estado de desorganisação dos partidos que são a vida do systema representativo, marca uma pagina triste da historia do governo da Inglaterra.

A existencia dos partidos é de ultima necessidade para a existencia do systema: a duração da força dos partidos depende da liberdade de opinião, a liberdade de opinião manifesta-se com clareza pela restricção da acção do governo, que infelizmente ha muito se faz sentir pesadamente sobre o povo, e que ainda actualmente fortifica a coherencia, que sem saber como se tem conservado sempre entre todos os ministerios.

Si a violencia desdoura o julgamento do povo, ella só póde vir daquelles que o receiam: quando a venalidade transforma-

se em arma politica para a conquista do voto, segregam-se alguns characteres de tempera bem rija para resistir á seducção do ouro ; e esses não são em pequeno numero ; ha outros que, ou por suas necessidades de momento, ou por indole, prestam-se ao manejo indecente, e succumbem conscios do erro, restando lhes a gloria da autoria, e aos eleitos uma posição independente da acção do governo.

A Inglaterra realiza perfeitamente a sua fórmula de governo, prendendo-se a antigos usos, sem que por isso a opinião publica ausente-se dos parlamentos.

Na Inglaterra os poderes teem a sabia inspiração de obedecerem ás liberdades reciprocas, e isso faz a sua força.

O inglez vae á Guildhall, certo que as forças do governo não irão interromper com o seu apparatus ameaçador o exercicio do seu mais precioso direito.

Nos paizes pelo contrario, em que os governos veem cabalar, ou com a seducção dos favores ministeriaes, ou com o apparatus da força, o voto sahe como é de esperar, sem garantia para aquelle que o dá, e sem valor para quem o recebe.

Mas na França autocratica, um perfeito manda escandalosamente pedir ao governo a sua demissão por não poder ganhar a eleição, e isso não admira.

Não resta ao cidadão emeaçado sinãe a triste e vil consolação de mandatario, ou o remorso do cumplice.

Os governos mais amestrados deixam ficar os soldados nos quartéis, e soltam os emissarios, verdadeiros milhafres para a caçada eleitoral.

Não ha compressão de força armada dizem elles, mas além de que ha uma distincção de compressão physica e compressão moral, os homens do governo occultam sophysticamente a segunda, aparentando a ausencia da primeira.

Si a primeira deixa á decisão incerta da força bruta a resolução da questão, a outra occultamente prende o individuo pelo terror. A inquisição nada teria conseguido, si só mostrasse instrumentos de tortura do corpo.

Fructo da politica, que afinal conseguiu firmar a intervenção e predomínio do governo em tudo, desde o mais importante assumpto de governo, até o mais ridiculo objecto de distracção publica, intervenção que tem descido até as companhias de jogos equestres ; não podia escapar esta importante questão aos olhares do governo.

Nisso vae sua liberdade, nisso está a sua harmonia. Prasa a Deus que o systema de governo que se desenvolve ha tempos, não nos traga as mesmas consequencias, e as scenas desoladoras que se seguiram á politica de Jorge III.

Os partidos são de intima necessidade para existencia de um bom governo; e nos nossos conselhos acha-se hoje um profundo politico que bem sabias doutrinas tem exposto a este respeito, posto que hoje se appresente em manifesta contradição com seus principios.

Emquanto elle não o faz, repetirei eu as palavras de um escriptor inglez sobre os inconvenientes e vantagens dos partidos para qualquer governo :

« Na historia dos partidos, ha muito que deplorar e condemnar, porém ainda mais a louvar e approvar. Nós vemos fermentar em seu seio as paixões más de nossa natureza, a inveja, o odio, a malicia e a falta de charidade. Nós vemos os mais distinctos de nossos concidadões lutar entre si com o ardor de inimigos estrangeiros, e ultrajarem-se uns aos outros com palavras crueis; vêmo-los fazer injustos juizos sobre a conducta de estadistas eminentes, e persegui-los com uma animosidade vingativa. Vemos toda a nação presa de sentimentos de cholera e hostilidade. Vemos a violencia faciosa vencer o patriotismo, a ambição e o interesse pessoal prevalecer contra as mais altas obrigações para com o Estado. Dizemos a nós mesmos que a dominação dos partidos exclue do serviço de seu paiz a metade de nossos estadistas, e os condemna, por mais sabios e capazes que sejam, á uma obscuridade e a um esquecimento comparativos.

« Deploramos que os maiores espiritos de cada seculo se tenham entregado a luctas e a conflictos violentos, em vez de trabalhar junctamente para o bem publico.

« Porém de outro lado nós vemos que um governo sem partidos, é um governo *absoluto*; e que ministros, sem opposição podem ser *despotas*. »

Como o illustre politico, tem a felicidade de pensar o pacifico e constitucional

DIOGENES.

S. Paulo, 9 de Setembro de 1868.

## OITAVA CARTA

---

*Senhor!*

Por mais tempo desejamos manter a linguagem humilde que até aqui temos mantido em respeito ao homem, em amor ao principio que elle representa.

Conservando a mesma linguagem para com o primeiro, a mentira que poderia queimar-me os labios, faz-me obedecer a um sentimento mais elevado, e dar mais valor ás verdades que são necessarias para os principes.

Si as verdades teem difficuldade de penetrar a habitação dos reis, porque levá-la-hemos nós desfarçada juncto ao throno? perguntou o sr. Royer-Collard, discutando o voto de graças que annunciou a revolução dos tres dias de Julho.

Nós que vivemos em um paiz em que parece que ella jamais penetrou os palacios reas, porque não a diremos franca embora dura?

Quando ella chega aos vossos ouvidos e aos vossos olhos já vae tão disfarçada pelos vossos cortezãos, provoca o mesmo juizo que os ditos chistosos de um dia de carnaval, e dahi sahe como si lá não tivera entrado.

Senhor! encetando Tacito a obra que devia levar á posteridade todos os defeitos que ostentavam os imperadores da decadencia, disse que não fallava do reinado de Augusto, porque historiadores mais habeis já o tinham feito até o momento em que o progresso da adulação desviou-os de escrever! *Donec gliscente adulatione deterrentur.*

As palavras, os pensamentos do historiador desterrado chegaram até nós com a mesma sabedoria, e o juizo que sobre o

reinado de Augusto e Tibeiro elle fazia, não mal cabido ficava no actual reinado.

Não é de extranhar, pois, que os vossos actos revelem desconhecimento, sinão completo, ao menos parcial do estado do povo que governaes!

Mui confiado estava vosso pae na estrella que o tinha guiado das aguas do Tejo ao Brazil, e naquelles que lhe tinham insuflado a idéa do absolutismo, e no entretanto foram elles os primeiros a abandoná-lo, para virem junctar-se em deshonrosa traição, aos rebeldas do *campo da honra*.

Exemplo constantemente repetido na historia, a experiencia de nada tem servido.

Tão depressa passa a borrasca, como os nautas politicos entregam-se descuidosos ao oceano da opinião, sem refazerem as avarias da tempestade que já não lhes intimida o espirito.

E o que tem-se lamentado na historia de todos os paizes, ahi apparece a todo o momento na do nosso.

Senhor! bem vontade teria de occultar as provas, que com tanta evidencia apparecem no grande processo politico; porém bem sabeis que o presente será algum dia passado, e o passado pertence ao juizo imparcial e severo da posteridade, que lavrará a sua sentença, sem que alguma voz se levante para clamar contra ou a favor da sua justiça; as manifestações da opinião ficam, e por ellas julgam os senhores do futuro.

Annel de uma mesma cadeia, os factos succedem-se indo-se prender uns aos outros, e aquelle que até então seria o ultimo, ver-se-ha preso por outro e assim por deante.

O ultimo annel irá prender-se, ao dedo de Deus.

Infelizmente, senhor, os poderes na terra julgam-se dispensados de consultar a ordem que preside a todos os factos, e nessa sua desobediencia, teem elles encontrado a sua ruina.

O conde de Artois esqueceu os celebres dias de Julho que annunciaram a quéda da dymnastia de Bourbon, e mais tarde, Carlos X, foi pela segunda vez galgar as montanhas da Escossia para fugir ao ruido que festejava sua quéda.

Mais tarde, no fim de uma viagem perigosa, o principe democrata, o escolhido da população, foi encontrar no fim do mesmo caminho a triste habitação de Holy-Rood e esse encontro não serviu de escarmento aos Bourbons da Italia, da Hespanha, e áquelles em cujas veias gyrava o mesmo sangue, e que em Portugal e no Brazil pareciam esquecer os soffrimentos de seus consanguineos!

E com effeito a recordação do 7 de Abril não turvou a mente dos campeões de 42, nem amedrontou os conselheiros da corôa de 1849.

Não lhes bastavam tão duros exemplos?

Por certo que não, e hoje mesmo senhor, como consequencia de taes principios, os brazileiros olham inquietos para o presente, e esperam anciosos um futuro que se avizinha carregado de nuvens.

Trará elle a chuva reparadora que reanima a planta decahida, ou a tempestade que tudo destroe?

Quizeramos bem acreditar na primeira hypothese, senhor, porém bem vivas ainda são as lembranças dos acontecimentos que prepararam o 48, e que pouco longe estão destes na semelhança.

Senhor! não sei si imprudentemente a nossa constituição declarou chave da organização politica, da abodada social o poder de que vos achaes encarregado.

Os constructores quando percebem que a abodada de um edificio vacilla, correm ao ponto de apoio, e nelle vão ver-se está com effeito a eminencia do perigo.

O principio cardeal da nossa constituição obriga-nos a uma forçosa dedução logica, fazendo-nos, en frente de tantos males, olhar para o poder que regula a acção de todos os outros, que á semelhança de raios de um circulo, vão todos ter em rigor geometrico ao mesmo ponto de partida.

E quando assim seja, senhor, quando foi crime fallar a verdade a um rei, em vez de un caminho errado apontar o certo ao nosso semelhante?

Bem longe de mim tal pretensão. Porisso mesmo que o soberano se acha mais alto, mais póde ver; por isso mesmo que elle dirige o governo do Estado, melhor, póde conhece-lo.

Não obstante, senhor, os defeitos da nossa organização levam-nos muitas vezes a olhar como certo, o que aos outros parece errado, e é justamente dessas contradicções que resulta a força ou fraqueza de qualquer principio.

E' dessas divergencias entre a opinião do monarcha e dos subditos que se originam as opiniões de que se formam os governos.

A estúpida inercia, derivada da subserviencia ao despotismo feudal, mal cabe no tempo moderno, e hoje que felizmente podemos chegar-nos aos soberanos sem que por isso tenhamos de atravessar pontes levadiças e massiças portas de ferro, sem que nos seja preciso levar num punhado de palha o signal da nossa vassalagem, as queixas de um povo pódem, quando Deus os inspira, trazer a justiça dos monarchas.

Em frente do estado de descontentamento que lavra pelo paiz, encarando o desenvolvimento que vae tomando o arbitrio, da arrogancia de que se reveste a autoridade, todos procuram um ponto para onde dirijam os olhares, buscando ou a causa ou o remedio de tantos males.

Os refinados dizem que na força das circumstancias, que na continuação delles está o remedio entregue á fatalidade, e devendo procurar uma rasão que explique pela politica os factos que se succedem com assombro, olham para o ar e adoram o acaso!

Olhassem para si, dahi para mais alto, lembrassem-se que foram elles a apregoarem as mais pedantescas opiniões sobre o character e a origem dos governos, e sua força, e só então teriam a explicação de tudo.

Bon seria que os educadores do espirito do príncipe se recordassem que inauguraram este reinado, trazendo alçada, na frente do prestito, a bandeira em que se liam as crenças e as tradições que tinham comprometido o primeiro reinado.

Mui ebrios vinhão elles com o seu triumpho, para não poderem resistir á luz que lhes esclarecia o horisonte, e que ainda dava bastante claridade para allumiar com luz crepuscular o seu passado, que foi tambem o seu occidente politico.

Assim, pois, os homens que, mais amantes das instituições que fizeram de nós um estado livre, encaram com desinteresse e independencia os factos, apontam com severidade a causa primordial.

Poucos são hoje aquelles que viram o dia da independencia ; muitos nascerem depois dos triumphos do 7 de Abril, e por isso podem apreciar o legado que existe em suas mãos. Aquelles que ainda existem dos dias briosos da nossa politica, começam a notar os mesmos symptomas que revestiram todas as crises politicas antes de 1831.

Era porventura mais tranquillo o estado da opinião publica então ?

Asseguram as nossas finanças um estado mais animador que o dessa época.

Senhor! si de 1824 até 1829 os actos do poder vinham sempre em manifesta contradicção com a opinião publica, conheciam-se os homens, as queixas contra elles eram dirigidas, o povo preparava-se e no entretanto desesperado não era o estado de nossas cousas. Como agora, uma divida enorme não complicava a situação financeira no exterior, nem embaraços de igual ordem minoravam a riqueza publica no interior e, não obstante o esquecimento de um principio que era base do nosso systema e do nosso governo, bastou para que o espirito publico unanimemente se revoltasse.

Que mais titulos tem o actual reinado para appresentar como padrão de sua superioridade?

O estado de duvida e incerteza dos homens e das cousas, o não menos melindroso de nossas finanças enche-nos de receio, que não vejamos algum Necker apontado pela opinião e recusado pela Côrte, apressar a ruina eminente, e que algum

Calonne, algum favorito dos vossos falsos amigos, não venha encontrar no augmento de nossos perigos financeiros, na depreciação do credito, um caminho que em lugar de nos conduzir á prosperidade nos precipite no abysmo.

E a razão é bem clara.

Sem tempo para realizar as medidas em que meditam, sem um apoio para sua força, o que podem fazer os ministros que se substituem?

Amigos pouco dedicados, ou antes muito sinceros nas intenções que os guiam, mais de uma vez tem deixado perceber, que o simples titulo de honra com que a nossa constituição adornou o monarcha é uma realidade, e deante de tal verdade o paiz bem a seu pezar, vê-se obrigado a acreditar nesses novos Scauros e Haterios, e a ver na corôa ou o remedio ou a causa dos males que hoje nos opprimem.

E com tal crença o paiz vê-se obrigado a examinar os factos; e o rigor da realidade impressiona de modo incrivel os corações, que, mais amantes da monarchia, querem-na ver rodeada da dupla força da opinião e da lei.

O desespero já vae lavrando por todas as provincias que caminham receiosas por uma estrada que as leva ao desconhecido, á conflagração talvez, e voltam os olhos para a capital do Imperio, e dahi nem um raio de esperança vem destruir o estado afflictivo que as tortura.

O que longe dos olhos do governo, distante da capital do Imperio, recebendo insignificamente o impulso do movimento central, podeira parecer ignorancia real ou estudada dos enviados do governo, ahi bem perto de vossas vistas não póde achar desculpa na mesma razão.

Consequencia de um passo pouco considerado, de um principio falseado, a mudança da situação politica que operou-se sem uma causa que determina nos governos constitucionaes taes golpes de Estado, descobre a corôa e a opinião levada pelo impeto da corrente geral, accredita ver no monarcha

sympathias e antipathias por principios e homens, verdadeiro erro e cousa impossivel nas monarchias representativas.

As mudanças politicas que soffrem os paizes, e principalmente o nosso onde a machina governamental está montada de tal modo, que os ministerios tornam-se os eixos sobre que gyra toda a roda, só se justificam quando a opinião que dirige o paiz encontra a desapprovação da maiorio da nação.

Os *homens*, e os caprichos da vontade dos soberanos, em hypothese alguma são uma rasão de valor para justifiar qualquer inversão na ordem politica.

A força das circumstancias é tudo. E por acaso, senhor, poderão os ministros que precipitaram o paiz já complicado nas luctas externas, nas dissensões internas da politica, invocar qualquer das duas rasões para apadrinhar semelhante estado de cousas? A cegueira voluntaria do espirito partidario poderá obrigá-los a appresentar a segunda rasão; uma imprudencia já por vezes repetida, e partida dos labios do governo, levará a acreditar na sentença desesperada do virtuoso Sidney ao monarchista.

DIOGENES.

S. Paulo, 16 de Setembro de 1868.

## NONA CARTA

---

*Senhor!*

E' triste e bem perigoso para os principes, quando o povo em sua totalidade lembra-se daquillo que jaz no esquecimento, e desenterra provas para a accusação que, em voz clara e unanime, levanta contra elles.

Signal da fermentação que afinal atirá as fazes fóra da taça, todos a olham pasmos sem comprehenderem a sua verdadeira causa, esperando de tal immobildade um resultado que não raras vezes lhes é funesto.

Os soberanos poucas vezes descobrem a causa do mal, por isso que, por uma cegueira natural ou fingida, desconhecem os elementos que contribuiram para tal estado; os governos conhecendo-o, estudadamente crusam os braços, e ignorando um remedio que o desvario não lhes faz ver, desculpam seus erros com uma criminosa, mas desfarçada expectativa. Como para o corpo humano a coagulação do sangue é o principio da morte, para as nações a inercia dos governantes é o começo da ruina.

O povo por sua vez amontoa os ingredientes, e pelo seu lado espera.

O dia da realidade é sempre duro!

O principe de Polignac, em tal situação, esperava os acontecimentos que haviam mais tarde de celebrar os tres dias de Julho, e occultava com perfidia seus justos terrores, illudindo a attenção publica, com as pompas da côrte, com hypocritas cerimoniaes religiosas, e promettendo á anciedade geral, « novos triumphos para as armas da França! »

E o povo continuava em aqodamento vertiginoso, a empreza secretamente começada.

O monarcha conservava-se surdo, e os ministros tapavam os olhos para não verem o abysmo que se cavava !

Tudo era indecisão.

Os avisos da imprensa e as censuras das camaras, faziam esquecer ao poder a força dos acontecimentos, e que nem sempre um throno é inabalavel, si elle não vae cobrar todos os dias forças no seio da nação. Os ministros retrahiam-se temendo precipitar a crise, o soberano apparecia querendo impedi-la, em todo o caso descobria-se, e a França só se lembrava das velhas tradições que traziam comsigo recordações de crueis soffrimentos !

E, dizei, senhor, si um forte laço de semelhanço não une esta situação, á da França em 1830 !

Um rasgo da corôa foi a scentelha atirada, e a dissolução das camaras, e as « ordenanças » de 27 de Julho, fizeram sorrir de esperanza o filho de Felippe-Egalité.

Senhor ! causa dôr ver que os vossos conselheiros affastem as vistas do monarcha, da realidade, e procurem á todo transe occultar aquillo que a calma de um governo prudente faria ver.

Os bons conselheiros (é banal dizê-lo) são os verdadeiros mestres dos monarchas constitucionaes : de um principe de má indole consegue-se muitas vezes fazer um grande rei, si o ministro não se tranforma em cortezão, e a verdade não toma as vestes da adulação. Tendes sido infeliz, senhor, e muito !

O venerando Martim Francisco, o ministro honrado, o patriota sincero, o eximio estadista que conseguira restaurar a riqueza do Estado, tirando-nos da indecisão politica em que nos achavamos, fazendo reviver os severos costumes dos dias da Regencia, disse, e com elle todos os brazileiros sinceros, ao começardes o vosso reinado, « que ereis um bom menino, e de quem muita cousa se podia fazer. » Mas o patriotico Martim

Francisco passou rapidamente pelo poder, e poucos dias depois de ter dito isso, deixava o campo livre aos campeões que tinham tramado sua queda nas trevas, e encontrado ouvidos que os escutassem.

O menino entregue á taes mestres deixou de ser desde esse dia uma esperança para a nação, e uma garantia para os liberaes que lhe tinham libertado o throno !

Dê-se quem quizer ao trabalho de ler a historia dessa época da nossa politica, e levará a convicção do que adeanto.

Chamados ao poder os liberaes que tinham-se esforçado na causa da maioridade, encontraram immediatamente a opposição occulta da corôa, que lançou-lhes no meio de seus triumphos o pomo da discordia, e foram os dilectos « regis » os senhores do campo que lhes tinha sido de ardua provança.

Com o andar do tempo as circumstancias obrigam a corôa muitas vezes á chamá-los ás imminencias donde elles medem em pouco tempo a altura de sua quédia. O ministerio do honrado Paulo Sousa foi a ultima tregoa concedida á troco de humilhações impostas ao honrado e sincero ministro.

Revela-se o fio de um plano, e d'elle acabamos de ter uma prova cabal.

Parecerá monstruoso relembrar factos que já vão passando da memoria do povo ; porém esse é o modo de julgar da historia, e é sempre grato acompanhá-la nessa marcha fatal.

Prova do que levo dito, foi a dissolução imprevista, inesperada e impolitica do passado parlamento.

Restabelecendo a harmonia entre o poder monarchico e o poder popular, garante á nação não uma estabilidade inerte, mas a prosperidade que resulta da ordem.

Contribue essa consulta ás urnas para a força do ministerio, e pela reprovação ou approvação do acto da corôa, para sua popularidade e gloria.

Si isso que em outros paizes é um meio perigoso de empregar-se não só pelos abalos que causa á sociedade como

tambem porque esse acto colloca o monarcha em tal ou qual superiidade, que é preciso extinguir, no nosso paiz elle sobe de ponto em seu valôr.

Por duas rasões bem simples: porque é um meio só permittido pela Constituição, no grande caso de salvação publica, como tambem porque, montado como está o nosso systema administrativo, produz um immenso abalo, pela reacção no functionalismo que sempre acompanha esses acontecimentos politicos.

A Constituição tendo estabelecido como fonte e mãe de todos os poderes, a nação, de modo algum foi seu pensamento, que invertendo-se a ordem, a corrente voltasse da foz para a nascente, que os filhos se rebellassem contra a poderosa mãe.

Consequente tambem com a harmonia e a independencia que deve sustentar esses poderes, só determinaria e aconselharia tal solução, quando a ordem social se tivesse completamente transformado ou invertido, obedecendo sempre ao principio do equilibrio politico.

Na Inglaterra e na Belgica, em que o systema representativo se desenvolve com vigor, onde o rei tem sempre em vista o principio da liberdade politica individual, ao qual elle proprio deve a sua existencia e a sua grandeza, com grande precaução, se remedeiam as crises por tal modo.

Na Inglaterra o monarcha marcha ás apalpadellas, e por isso diz um publicista moderno, estudando o regimen inglez: « o rei póde na Inglaterra, segundo a lei, escolher seus ministros e substitui-los com uma liberdade tão illimitada, como nenhum monarcha da terra; porém, a prudencia prohibe-lhe escolher outros que não os que elle sabe ter no parlamento, e sobretudo na camara baixa, uma maioria sufficiente, ou despedir aquelles que possuem esta maioria.

Mas esse salutar principio do regimen inglez, é lá para a Inglaterra, onde se olha com veneração para a velha « Magna-

Carta, » que ahi se conserva no meio das tempestades politicas, como um promontorio que depois de soffrer o embate das ondas, vê reverdecer a vegetação quando volta a calma.

Lá onde o rei olha com respeito para o laço da união dos tres reinos, e delle com o povo; as affeições pessoas do principe são supplantadas pelas manifestações da opinião em sentido contrario.

Ainda ha bem pouco tempo, deu-se um facto que bem demonstra o respeito real á opinião politica da nação. Estando no poder um ministerio « wigh, » que harmonisava-se por isso com os sentimentos politicos e pessoas da rainha, soffreu forte opposição dos conservadores, ligados com os radicaes, e os membros irlandezes opposicionistas, da camara baixa, tendo por isso de retirar-se do poder; a rainha obedecendo aos estylos parlamentares fez chamar o chefe dos conservadores; « este comprehendendo perfeitamente que a maioria da camara dos Communs e do paiz não eram por seu partido, recusou o poder, e a rainha restabeleceu os liberaes. »

Oxalá que taes exemplos medrassem no Brazil.

Examine-se as tendencias monarchicas nos dous paizes, e ver-se-ha que na Inglaterra, é o constitucionalismo que predomina.

Continuando, vemos pois que além do principio constitucional, que se póde invocar para justificar a medida da dissolução, o outro caso que se apresenta é o de lucta renhida e systematica entre o governo e as camaras.

Ha aqui duas hypotheses que repetidamente se succedem, e são, ou o monarcha sustenta por mera sympathia um ministerio em desaccordo com a opinião nacional, e nesse caso as dissoluções traduzem uma dissensão desleal e antipathica entre o soberano e a nação, ou o que é mais politico e mais constitucional para nós, tal recurso deve ser empregado quando esgotados os meios conciliadores que consistem na ascensão de differentes homens ao poder, vai afinal a corôa lançar

mão dos membros da opposição, e convertê-la em triumphadora na lucta! A necessidade da dissolução, deriva-se logicamente da impossibilidade da existencia de um governo sem apoio nacional poderoso e firme.

Neste caso a dissolução não é mais que um appello supremo á nação, uma provocação ao seu julgamento decisivo, o momento enfim em que o monarcha é sublime.

Deixando o cume do poder, o principe vem despido de todo o apparatus da realza pedir auxilio á fonte donde partiu; e as duas entidades dando-se as mãos, communicam-se uma força poderosissima.

E' o dia da confirmação da alliança politica, o dia em que os dous viajantes encontram-se no mesmo ponto donde partiram, tendo dahi sahido com um termo marcado — a felicidade publica — e um roteiro traçado pela mão do — patriotismo. E depois desse encontro encetarão a nova jornada com a fé em suas forças, com a lealdade de suas crenças.

Si a franqueza e a honra presidem á esse encontro, um duplo e proveitoso resultado dahi sahirá — a tranquillidade de espirito do principe convicto do cumprimento de um dever — e a crença para o povo, do respeito ao seu poder moral.

Certa a nação de que da sua exclusiva vontade, ou antes da sancção della, e não de um capricho proveniente do aborrecimento do rei; sahiu tal estado de cousas, a ordem continuará inalteravel, e mesmo a opinião vencida, procurará nos meios de um adversario honrado, os recursos para lucta, ou quando menos se retrahirá ao silencio que lhe impõe a reprovação popular, indo accumular no retiro, os materiaes da peleja futura.

Comprehenderão então o merito da dedicação dos Cincinatos esperando que o povo venha renovar-lhes o mandato, e cingir-lhes os hombros com a purpura tribunicia. E tanto mais, senhor, que elles não se verão como o nobre romano, forçados pela necessidade á lavrar seus campos.

Não é de hoje, como muitas outras, a instituição que tem salvo por diversas vezes os principes e os povos. Ahi na Germania donde havia de partir com o movimento civilizador a idéa da representação, os antigos chefes nos dias difficeis das nacionalidades, nos momentos das crises supremas, convocavam o povo, e então não havia nem rei nem povo, nem senhor nem subdito, nem moço nem velho; havia sómente o grande principio que os unia, e guiava-os sempre fortes pelo meio de suas florestas: havia a crença que serviu-lhes de escudo contra a acção deleteria que acompanhou a desorganisação do mundo romano, e que se espalhou por todos os povos da Europa; como o virus corruptor apodera-se com rapidez de um corpo enfranquecido.

Havia a idéa da Patria!

As assembléas dos « campos de Maio » — foram com pequenas alterações, e com o mesmo fim, a origem do systema que hoje rege a maior parte do mundo civilizado.

Ultimo recurso, instancia da necessidade, ambição desfarçada dos principes; seu fim unico, era ouvir a voz do povo!

As suas decisões eram a lei suprema, e que só elle proprio podia revogar, e assim era que quando o desenvolvimento do Estado, trazia com a sua civilisação, a necessidade do desaparecimento de uma instituição caduca, o principe não tinha mais que convocar os seus vassallos, e na assembléa commum discutiam-se os grandes interesses da nação: era a occasião em que a realza sorateiramente extorquia concessões para ampliação de seu predomínio, e o povo em troca exigia garantias que firmassem a sua influencia na governação do Estado.

A' peito descoberto appresentavam-se os representantes das duas instituições nacionaes, antes como amigos do que como adversarios; e si algumas e repetidas vezes se falsearem estes principios, resta-nos a consolação, que da verdade d'elle dá prova a Inglaterra hoje poderosa no seu egoismo patriotico, e para

triste esgarçamento do que valem abusos, ahí está a França á lutar a immensos annos, buscando ora na pratica mal desenvolvida, ora na methaphisica politica, meios de salvação, sem chegar ao resultado inquestionavel, á conclusão rigorosa, de que os governos só são legitimos e fortes quando são a expressão intima, harmonica, sincera, das idéas e das tendencias de um povo.

Já vae longo e mais iria o desenvolvimento desta idéa co-mezinha que parece destinada a soffrer repetidas contradicções, e dolorosas decepções neste paiz destinado por certo á melhor figura.

Libellista para aquelles que resão pelas defezas ministeriaes, e que juram nas palavras dos — relatorios — sincero e verdadeiro para aquelles que comprehendem o valor e nobreza da verdade, não nos acabrunham imprecações que quando muito reverterão para provar a verdade do que avançamos, e que será mais um material para o poste historico onde se inscreverão os nomes dos destruidores de nossas felidades e glorias. Alimente-nos ao menos a expectativa do futuro, já que não nos illude a realidade do presente.

Porém antes de passarmos a examinar com severidade o ultimo acto de vossa politica, repitirei com o poeta francez, deante das sombras que se accumulam:

*Ce jour menace Rome, et vous, et l'univers.*

E si pela mesquinez á que tudo se acha reduzido nada temos que temer pela sorte do universo, pelo menos, a vossa e a de Roma bastantes terrores incutem ao espirito do timorato

DIóGENES.

S. Paulo, 17 de Outubro de 1868.

## DECIMA CARTA

---

*Senhor!*

Veremos sempre, emquanto existirem thronos, homens curvados, candidatos à honras.

Mas, no meio desses que se collocam em posição supplice deante dos reis, raras vezes, é verdade, apparece um que venha em nome da moral e da equidade recorrer ao throno.

Collocados na mesma posição, é difficil distingui-los. Mas que attenda o principe á linguagem de ambos, e verá na expressão della o desmentido e a distincção dos sentimentos que os fazem fallar.

Acreditaes, senhor, que é bem difficil ao cidadão que vive no retiro de sua honrosa obscuridade, chegar-se ao throno, para afeiar o quadro dos esplendores que o cercam.

Mas no dia em que esse homem honrado, esse subdito fiel, vae com seus pés acostumados á lama das ruas, manchar a belleza dos tapetes imperiaes, ouvi-o senhor, attendei'lhe ás palavras, que si não é um especulador que se cobre com andrajos para illudir a confiança do principe, havendo por esse modo aquillo que não teria si se apresentasse tal qual é; muitas vezes é uma victima que se cobre com o severo e pobre manto da verdade, que vem fallar em nome do direito, e sinão á rasão, ao menos ao coração do principe, vem pedir o que lhe ordena a sua honra — a justiça!

Não que essa justiça seja muitas vezes a expressão do egoismo, mas o que ordena a ordem moral em proveito da ordem social.

E' de uma que decorre a outra.

Seria tão difficil, sinão mais, existir uma sociedade em que a moralidade estivesse em desprezo, como edificar um palacio no meio da aridez, e sobre as movediças areias do deserto.

E nos estados a moralidade manifesta-se, desenvolvendo-se em solução continua desde o mais alto representante da autoridade publica, até o mais humilde executor della.

Organisado como si acha o systema moderno da administração, é por elle que se julga da moralidade do povo.

E nem isso é de admirar quando sabe-se que em virtude de delegação, exercem a autoridade os poderes da nação.

O vicio que persegue a todos os corpos, não abandona este e a perversão transtorna-lhe o destino.

E' então que o homem que não abdicou de sua dignidade, o cidadão que ainda não abandonou seus direitos, vem quando já não tem a que apegar-se, pizar os degráus do throno, fazer ver o que não veem, implorar o que lhe negam. Quando os virdes junctos á porfia da mão imperial, ainda uma vez, ouvi-os antes.

O ambicioso fará o elogio insensato, banal; fallará a mentira.

O cidadão, fara o elogio quando devido, a censura quando merecida; fallará a verdade.

Um, é a vaidade que se remorde em lucta ingloria; o outro é a probidade que falla em nome do bem.

Quando na cidade Eterna, tudo era depravação, quando o Capitolio enchia-se de victimas, quando todos viam seus parentes sacrificados aos caprichos do Cesar; todos amontoavam-se á porta dos festins para exaltarem a devassidão do filho dos Domicios, e erguiam templos ao divino imperador que os atirava aos circos, e que fizera dessa Roma um immenso lupanar. Mas a penna de Tacito descarregava-se esmagadora, e dizia: — Festejaes a quéda de Cesar! porque só sedeifica um imperador morto: — « Nam deùm honor principi non ante habetur quam agere inter homines desierit. »

E não o salvaram, todos esses apparatus da adulação, porque faltava-lhes o que lhe podia perpetuar a estirpe.

Faltava-lhe a prosperidade do povo que no dizer do illustre Bentham, perpetuam no coração do subdito, e a memoria do principe, e a duração de sua prole.

Deixo portanto aos Fenius e Nymphidios, as glorias de sua ominosa missão, que eu continuarei a presar o proceder dos Morus e dos Harlay.

E' pois por isso que não recuo com a verdade nos labios deante dos degráus do throno; e tanto mais que assim procedendo faço-me echo da voz publica que se muitas vezes erra, não raras vezes falla a verdade.

Levado de apreciações em apreciações mais ou menos desenvolvidas, tinha chegado ao acto de vossa meditada politica, pelo qual dissolveu-se o parlamente, substituindo-se uma nova politica.

Examinada e desenvolvida com as forças que tinha a idéa da representação, ficava provada a sua importancia e por consequencia especificando o nosso exame, saltavam-nos á mente, com rigor logico, as seguintes questões, donde poderíamos auferir do valor do acto:

Utilidade.

Opportunidade.

Causas unicas e legitimas que podiam iegitimar o exercicio da arriscada solução offerecida pela constituição ao imperador para resolver essas repetidas crises, á ellas dedicaremos a nossa attenção.

Em primeiro logar vejamos a utilidade que dahi podia resultar.

Aparte o caso excepcional e imperioso apresentando pela constituição como rasão justificativa de uma dissolução, os outros motivos são puramente de ordem ou conveniencia politica.

Foi como fizemos sentir, impossibilidade de existencia harmonica do governo e das camaras.

Resistencia systematica das camaras á vontade caprichosa do monarcha, resistencia apoiada pela manifestação unanime da opinião publica, caso que não apresentou-se desta vez, e que rogo á Deus bem longe esteja ainda de nós; resta-nos a hypothese natural e provavel da opposição vigorosamente sustentada contra um ministerio com apoio nas camaras.

Parecerá á primeira vista inutil estas duas primeiras distincções; porém, si attendermos bem que não só no Brasil como em outros paizes se tem dado o caso de impossibilidade de harmonia entre as camaras e o ministerio que tinham sómente o apoio legal do soberano; não parecerá mal cabida a segunda distincção, e contra a utilidade da terceira não prevalecerá critica seria.

Applicando as hypotheses ao caso vertente, vemos que a provavel primeira hypothese não teve logar, e a segunda relativamente perde de valor.

Que havia impossibilidade da existencia de um governo, tinham protestado quasi dous annos de um apoio cuja legitimidade á ninguem é dado duvidar ou siquer mesmo examinar.

Constituida uma camara, da legitimidade de sua existencia, incumbe á ella mesma sentenciar.

A justiça deve ser sempre ouvida, quando mesmo ella se tenha de pronunciar em favor de uma facção politica que embora perversora de idéas nobres, resgatou um pouco suas culpas com o maior ou menor interesse que deu ás questões que ha muito nos preoccupam.

O brilhantismo da sessão de 1867, honrará as paginas das nossas chronicas politicas e financeiras.

Lembro a face brilhante, porque já estamos fartos de dissabores.

Os contendores nessa lucta, encheram-se de glorias e creditos que será bom que se conservem, e não se desmintam com contradicções e incoherencias.

Algumas medidas de alguma utilidade, manifestaram a harmonia do governo com a opinião representada nas camaras, por consequencia o curso natural do governo e a regeição da primeira hypothese.

Não fallaremos na segunda que teria trazido os resultados que celebrisaram os annos de 29, 30 e 31.

A prudencia que de todo ainda se não ausentou da vossa mente, deteve em meio o braço que estava prestes a desembainhar a espada para a lucta.

A minoria que por intervallos lançou os seus raios reveladores da incuria ou dos erros do ministerio demissionario, embora por alguns sustentada com verdadeiro talento e provada illustração, era em seu numero, insignificante, e impossivel por si só de dar quèda á um governo qualquer.

Não lhe contestamos o merito da posição que assumiu, e que a força da verdade, faz confessar brilhante.

Mas uma minoria só pôde determinar a retirada de um governo, a mudança de uma politica, quando ella por si, ou pelo apoio que encontra no paiz, suffoca a maioria. Tal caso não se viu uma vez, e o ministerio sempre que *consultou as camaras* teve adhesão que nem mesmo no conselho de Estado deixou de ter écho.

Foi o que resaram as chronicas intimas.

Mas quando se queira lançar louros sómente sobre os illustres membros opposicionistas, cumpre observar que a sua guerra foi sem systema, desordenada, e sem um programma, necessario, não só para os ministros que a soffrem, e como tambem para o monarcha e para o povo que os ouve.

Interpellados em ambas as camaras pelo ex-presidente do conselho de ministros, ou concordaram com as idéas por elle appresentadas, ouviam as suas por elle acceitas.

Mas a crise financeira! exclamam todos.

Em tal circumstancia, a questão era toda social, nas circumstancias difficeis em que nos achavamos, não havia uma

questão de capricho partidario, mas sim, um ponto de missão para todos os brasileiros que tivessem bastante dedicação, para depôr por um momento odios de facção, pelas glorias estaveis de um futuro de felicidades.

O povo tem murmurado tanto, que e forçoso acreditá-lo um pouco.

A' antigas antipathias, que a serem exactas honram pouco a qualquer que nutra taes sentimentos, e principalmente a um monarcha que não as deve conhecer; a um systema cujo fim é difficil de comprehender, attribuem o fatal decreto que feriu a todos, como raio que apanha o viajante confiado na calma do tempo.

E o ministro que o assignou, bem podia ter procurado no calendario de 1830, a data memoranda de 7 de Abril!

Sem a experiencia da pratica que precede um tão arriscado acto, foram chamados ao poder aquelles que a bem pouco o tinham deixado com tristes tradicções, e sem que fosse ouvida a outra opinião do paiz.

Rendo graças á Deus que a estrella que fugiu á Pedro I não se tivesse occultado no meio das nuvens deste reinado aos olhos de seu filho.

São gratas as recordações que se esvoaçam, e as esperanças que se nutrem quando se contempla o presente.

E' triste que o mesino pensamento não guie aquelles que dirigem os destinos de um povo.

Fatal destino esse que leva os principes a ouvir os Laud, e os Lauderdalle.

Quando se tractava de assignar as fataes *ordenanças*, um dos ministros, cujo nome não me vem a mente, hesitou, interrogado pelo rei, respondeu: — Senhor, procuro nestas paredes o retrato do conde de Strafford! »

Deixemos á pura curiosidade essas reminiscencias historicas, e continuemos na apreciação descuidosamente interrompida.

Temos feito todas estas distincções, para que mais ou menos se sinta a differença immensa que fazemos entre uma medida de utilidade social, e uma exigencia de pura politica. Na clareza das expressões está toda a chave em materia de governo, diz Victor Considerant; e para provar isto está a justeza do raciocinio dos mathematicos, que assim se entendem, por causa da linguagem convencionada e firmé entre elles usada.

Porisso que si uma medida póde ter justificação pelo primeiro motivo, outra póde deixar de tê-la si não a dirige a mesma rasão que abrange as duas especies.

Sujeitando a ultima hypothese que foi invocada ao exame destes principios, ver-nos-hemos obrigados a minuciosidades, que nos repugnariam si não tivessemos feito um compromisso.

Aquelles que invocam o summamente pretencioso preconceito que se arraiga ao espirito do povo, e com que jogam os sophistas, poderião deter-nos si nos não fortificasse a crença de que um homem publico não se pertence por que a sua historia como as suas glorias são o apanagio da nação que os levou, e que compartilha com elles os fructos da adversidade.

Desculpe-se-nos, pois, o que de mais tivermos de dizer.

E sem se attender a cousa alguma, sem se attender ás consequencias de um tal acto, sem se prever que no Brazil, um partido que sôbe, quer dizer um outro que soffre, foi atirado o convite ao povo, que por certo não responderá negativamente aos desejos do senhor. E causa lastima dizer, a rasão de semelhante inversão foi o nome de um homem; que, não já pelos insultos que lançára sobre os tumulos dos descendente dos heroes de Sagres e de Ourique, não respeitára a memoria do fundador do Imperio, nem poupára espinhos á vossa mocidade.

Já passou a época dos Decazes, e quando ella voltasse, desejavamos que os imitadores do rei e do favorito, o fossem na dignidade de um, e na lealdade e fidelidade do outro.

Os intimos disseram-no, e a bocca pequena repetiu, que na impossibilidade de uma maioria que sancionasse o vosso acto, o do conselheiro, causa da crise foi invocado, ficando além da censura que recahe sobre o conselheiro que não teve a coragem do sacrificio, a responsabilidade do acto sobre a pessoa que o concebeu e sobre aquelle que o encetou.

Entregue um partido algum tanto numeroso á lucta com o paiz, seguia-se logicamente que a corôa dava-lhe todo o apoio de sua força, que elles não deixariam de empregar como manto protector desse arbitrio. Eis quanto á utilidade. Callemo-nos sobre a opportunidade de tal medida, porque seria desenrolar a lista immensa de nossas desgraças, seria relambrar a historia fatal dessa guerra, onde a par do nosso sangue, exhaure-se a nossa honra; e Deus queira que não tenhamos ainda de ir cobertos de crepe, não já como cidadãos, mas como homens, pedir uma reparação para nossa honra, comprometida pela ineptidão dos generaes, como o annuncia já a imprensa; e que o dia de nossas victorias não sirva para recordar a nossa deshonor.

Os acontecimentos que assignalaram o anno de 1848 coincidem hoje, e reservando para a minha ultima carta, observações que me sugere o estado politico da Europa e do Brazil; pedirei tambem, que a figueira Ruminal, a arvore symbolica que abrigou a infancia de Romulo, não tenha de projectar sombra fatidida sobre a mocidade de Augustulo!

DIOGENES.

S. Paulo, 24 de Outubro de 1868.

## UNDECIMA CARTA

*Senhor!*

Talvez que a desordem obrigada dos factos, a apparente falta de connexão nas idéas, tenham sido encaradas como desordem de methodo, ou escassez de assumpto.

Bem vasto é elle, senhor, e da exposição a esmo dos factos salientes da nossa politica, que muitas vezes vão se prender a individualidades, a quem a mais dura e severa censura torna-se de estricta necessidade para o presente e o futuro, um pensamento deverá se ter ao menos esgueirado deste tosco trabalho, e é, que a vossa politica já vae manifestando com vontade rigorosa e pronunciada o pensamento de um governo em que os desejos do monarcha se vão convertendo em realidade legal, acoberto de uma ficticia responsabilidade dos ministros.

Pensamento de ha muito declarado desde a organização hybrida do ministerio de 24 de Julho de 1840 até hoje, em que a confusão desses governos vae em culposa taciturnidade, revellando a existencia do vicio occulto e titubiante.

Perdoae-me, senhor, e permitti que deixe a verdade synonymica ao manejo dos cortezaõs!

Parece incrivel, senhor, mas é de força repetir.

O que nos póde dar hoje uma esperanza fortificadora?

Será, senhor, a crise financeira que, qual cabeça de Medusa amedrontando aquelles que a encaram, fazem nos recuar, e confessar a fraqueza desfarçada com vaidosa pretensão?

Serão as medidas que em vez da segurança nos trazem a inquietação, que nos inspiraõ pela sua precariedade, pela sua insufficiencia, e mais que tudo pelos compromettimentos que

trazem ao paiz no exterior e no interior pela impossibilidade de uma solução que empare a divida estrangeira, remedeie em vez de prejudicar, como o faz a fluctuante, e garanta a riqueza nacional?

Será, senhor, a descrença politica que torna-se hoje o apagnio dos mais robustos espiritos, a quem ou a timidez, ou a dignidade faz trepidar?

E o que faz assim recuar?

O que diz a opinião, pela voz surda que emprega a fermentação dos espiritos!

Emquanto a velha Austria desprende-se desorientada e offegante das cadeias da santa alliança, que a prendiam ás tradições da velha e exclusivista politica do principe de Metternich; emquanto Francisco José vae, ferindo os quatro pontos cardeaes em Pesth, consagrar a união da monarchia Rudolphina, pela alliança velha dos subditos da patriotica corôa de Santo Estevam; emquanto o indolento filho de Mahomet entrega aos échos do Bosphoro o grito da emancipação ottomana, e já proclama que é necessario ouvir a manifestação da vontade popular e a opinião da nação; emquanto a rainha de Inglaterra assiste satisfeita e impassivel o movimento reformador, e acolhe com benignidade os cidadãos que lhe vão pedir protecção para sua liberdade, e garantia para sua independencia; emquanto o elemento aulico foge de Vienna onde o povo vê nelle o verne roedor; perde terreno na propria capital da França *lago dos leões* das dymnastias; precipita-se em rapido dispenhadeiro impellido pelo ultramontanismo a quem a rainha de Hespanha empresta seu braço; emquanto, por toda parte vê-se os soberanos deixarem os palacios inaccessiveis para virem no meio das praças publicas, tirar dentre o povo, como a creatura da fabula tirava da terra, força para sua vida; no Brazil, senhor, esquecendo-se a origem que tiveram as instituições que nos regem, apontando-se á corôa sómente o throno e o passado que se appresenta com tenebrosas recorda-

ções para o povo; a opinião vê-se perseguida e foge das regiões do poder, e ahí começa de escrever as primeiras palavras do divorcio politico.

E' o que a triste realidade nos diz ao ouvido!

E' o que a serie logica dos factos nos relata em seu duro rigor!

Os boatos que se succedem a todo o momento, com o cunho de inquestionavel verdade, nos amedrontam com a impossibilidade de um remedio para as crises que se preparam com incrível terror para todos.

E remontando-se á causa que produz taes acontecimentos, o exame severo, a imparcialidade historica, lança a sua condemnação sobre um principio que devêra ser para todos de veneração e amor.

Na afflicção que causa o desespero, uns olham para o throno como unico refugio que lhes aponta o terror; outros, já desilludidos por tantas decepções, encaram desconfiados, olham indecisos para a cupula do edificio social, e voltam o rosto, desenganados pelos tristes exemplos que lhes lembra o soffrimento.

Os primeiros desconfiados daquelle em quem mais de viam confiar, bem podiam dizer com os velhos senadores: *Quous que patieris, Cæsar, non adesse caput reipublicæ?*

Mas os segundos a quem já nada póde conter, tambem dizem: — queriamos que essa cabeça não faltasse á cidade, mas que quando elle se appresentasse, de seus labios só partisse o bem, e que seu olhar so manifestasse a tranquillidade com a expectativa de um prospero futuro.

Senhor, prezando o throno com a fidelidade sincera do subito que sabe prezar um compromisso contrahido, enchenos de inquietação o movimento que hoje abala o mundo desde os Uraes até os Andes.

Inquietação de espirito para vassallos e soberano, lembranos que é nessas horas de incrível desasocego, que os princi-

pes recapitulam seu passado, examinam seu presente, e encaram e futuro de todos! Senhor! o que mais encheu de terror a Luiz XVI, nos fataes dias de Julho de 1789, foi a lembrança que do palacio em que elle estava tinham partido as ordens reaes que tinham ensanguetada a França, que alli mesmo no meio dos sumptuosos jardins achava-se de um lado um povo miseravel, pobre, andrajoso; do outro, erguia-se altaneiro o immenso palacio, que representava a seus olhos, a arrogancia com que esmagára o povo da França a velha e decrepita monarchia; via tambem que em seus dias rompêra-se o dique que continha a corrente que ora innundava a França e que ameaçava submergi-lo em suas aguas.

Vosso illustre pae viu-se tambem cercado dos mesmos terrores, e lembrava-se amendrontado a todo o momento do phantasma que percorria vingativo esses salões agora tão desertos, e que fazia enregelar a mão que tinha sancionado o assassinato de Ratcliff: enrubecia-lhe a vista o sangue derramado em Pernambuco em 1824, via a riqueza nacional, comprometida pelas ambições mesquinhas de uma politica desatinada, e a hora da desilusão soou-lhe aspera aos ouvidos.

Agora, senhor, dizei-me si não tendes iguaes motivos para encher-vos de receios o espirito já tão perseguido pelas difficuldades que se antolham com assombro incrivel.

Com um passado recente tornado odioso pelo louco desejo de aclimatar nesta terra uma planta que sempre sera exotica para o Brazil, o elemento absolutisa vae vivendo de arrancos ora se entregando aos braços de politicos que pretendam innoculá-lo astuciosamente, ora invocando e pervertendo o pensamento da constituição invocando para justificar seus excessos o principio da *salvação publica*, elles representam o papel do falso guia, que não tendo a força que dá a verdadeira coragem, vence pela astucia, e leva o viajante confiado para borda do abysmo, e diz-lhe — podeis caminhar: levada pela fatal confiança, a corôa agradece áquelles que a perdem, e diz ainda assim: — *são estes os meus amigos.*

Tentando lutar contra a força da opinião, nesse combate inglorio, assemelham-se a esses encontros estrepitosos entre as aguas dos nossos rios caudalosos, e as ondas abundantes do oceano.

Senhor! é em nome de um throno que nasceu no dia de nossa emancipação; é em nome do alliado que pelejou no dia de nossa liberdade; é em amor dessa dymnastia que tem sido tão calumniada, e que vê seu futuro compromettido pela repulsão da força que lhe dá vida; que fallamos tão alto, que tão severamente censuramos os actes de uma politica que quer a todo custo individualista por interesse, e por principio arraigar-se nesta terra!

E como não nos deve incutir terror o estado deste paiz que lucha sem que um preveito estavel venha garantir seus esforços?

Como não devemos tremer pela existencia do principio, quando vemos que o povo já começa a chamar a barra de seu tribunal os culpados de tantas dôres; e appresentar bem formulado o seu *libello*?

Já se ouve dizer que o reinado de Pedro I quiz vencer as crenças que animavam os partidos de então e que elle comprometteu as finanças do imperio, desbaratando a riqueza nacional; mas que veio a regencia, o governo puro do povo, restaurou e deffiniu a politica, melhorou o estado financeiro, diminuindo a divida, e restringido os abusos; e quando estavam proximos ao termo da ardua tarefa, ali veiu com o segundo reinado a confusão e a descrença dos partidos; com a lucha das ambições, com o jogo da vaidade, veiu a consequente ruina de nossas finanças, e não vemos um caminho que as leve ao porto da felicidade e da salvação.

E deante de tal quadro, não recúa amedrontada a lucha, e perguntamos nós com os olhos sobre a historia, com a mão sobre a consciencia, o que esperar de tal estado?

A propria acção do governo vae manifestando a sua fra-

queza, pela desconfiança de suas forças, que não encontram um ponto de apoio no presente, que só vê recordações desanimadoras no passado !

Os vencedores que não cantam a victoria em nome de um triumpho obtido na lucta, ainda mesmo depois de senhores dos pontos subjugados, esperam ver a todo o momento erguer-se em lucta aberta os vencidos, ou que a conspiração faça saltar os alicerces do edificio a que se abrigam.

E o que póde fazer um governo que lê na historia de seu passado as datas memorandas de 1842 e 1849?

O que podemos esperar daquellos que põem em practica hoje, o que já realisaram em 48?

As sete portas de Thebas acham-se sitiadas, porém praza a Deus que longe ainda esteja o momento, em que venha emfim Eteocles ao racontro de Polynice, que os dous irmãas se dirijam as affrontas, começo do combate fatal, que o povo emfim se encontre com a monarchia.

Taes são os receios que nos incutem os acontecimentos que se succedem na Europa, tendo repercussão immensa no Brazil.

A França comprimida pelo braço de ferro, e pelas carretas dos canhões de Napoleão, tem ainda a força e a actividade do espirito de seus filhos que encontra sempre sahidas para o desespero de sua alma.

Demonstra-o ella pelas infracções repetidas das leis que suffocam a opinião, pela compressão da imprensa !

Não a fazem calar as promettidas grandezas e felicidade futura, e no meio mesmo do immenso palacio do Exposição Universel, germina, cresce, e se fortifica uma idéa fatal áquelle mesmo que o ergue como um monumento tumular de sua grandeza.

Os povos europeus, deante do espectaculo imponente que appresenta o esforço individual do homen, apesar das cadeias que o prendem a todo momento, fá-los acreditar, e conven-

cer-se do quanto elles seriam, si a Prussia por exemplo não se visse intimidada com o olhar dominador de Bismark; si todas as Russias não esfriassem o enthusiasmo com a expectativa dos gelos de Siberia, e não se lembrassem das palavras do exilado do Ponto-Euxino, que traduzem toda a dôr do exilio. E aquellas nações mesmas que vêem-se humilhadas no meio do grande concurso civilizador, tolhidas pela mesma causa, remordem-se de raiva, e esperam tudo de um futuro proximo.

As provincias da Hespanha já cançadas do estúpido e ferrenho despotismo que as opprime ha largos annos, como esses instrumentos de tortura que deixaram horrorosas recordações dos dias da inquisição, arrancam de seus archivos os livros empoeirados de seus *fueros*, e nelles releem e recordam os titulos patrioticos que illustraram as côrtes do Aragão.

No meio da imprevidencia fatal a que a levam as adulações de seus favoritos, a rainha da velha Castella, esquece-se dos dias de Valencey, e animada pelo exemplo de seu avô a quem só as bayonetas da Sancta Alliança poderiam restituir um throno, solta-se ao impeto da carreira absolutista, e não ha censuras que lhe façam ver o abysmo que cava, preferindo ás congratulações de um povo inteiro, os sanctos discursos do seu confessor, e os amaveis sorrisos de um insignificante homem, que até pelo seu nome, traz o ridiculo e o desprezo para aquella que lhe estende os braços duplamente criminosos.

Ainda que enfraquecido em todas as forças que constituiam a sua vida, o povo hespanhol ainda tem um sentimento que adormece muitas vezes como o fogo sob as cinzas, e a que bastará uma rajada de vento para dispersar a capa trahidora, e mostrar as brazas que crepitam.

Essa rajada de vento havia de açoitar a Hespanha inteira; e partindo das praias de Cadix vae como que empellir das raias da antiga *Izurum*, a barreira que se oppõe ao seu livre curso!

No meio da perplexidade do aneio horrivel que a faz duvidar da força dos acontecimentos, tres vezes quer se precipitar na cratera ardente, e a mão invisivel que já não quer sangue, detem-lhe os passos, e escreve ás portas de S. Sebastião a sentença condemnatoria da entrada do inferno do poeta italiano.

Dando costas ao pharol que só poderia orientá-lo no meio da conflagração geral, apenas um ruido surdo chega a seus ouvidos.

Terrible exemplo para os soberanos!

Já se fica comprehendendo que é possivel fazer uma revolução, sem entregá-la aos horrores do sangue; e que um povo por mais opprimido que esteja em um dia de descuido sacudirá os pulsos e atirárá longe as cadeias do servilismo.

Admirae, senhor!

E o sol que parou sereno para os combatentes de Alcoléa, foge aos olhos desvairados da fugitiva de S. Sebastião. Izabel leva consigo a urna que contém as cinzas dos ultimos Bourbons da Europa, e o bispo Claret ouve-a em confissão de uma dymnastia inteira e odiada.

O exemplo visivel, do grande movimento que agita a Europa inteira, parece que naufraga ao tentar atravessar o oceano para vir doutrinar o Novo Mundo, e fazer comprehendere ao Brazil a necessidade da reforma.

Surdos, senhor, á voz do tempo, cégos á luz dos acontecimentos, renitentes á força da rasão; os homens que, no dizer de *Erasmus*, absorveram os restos do absolutismo, não podem comprehendere as mudanças politicas, nem curvar-se á força das circumstancias!

Semelhantes a essas estatuas colossaes que no meio do deserto erguem-se cercadas de ruinas, e assistem impassiveis a tudo que se passa deante de seus olhos empedernidos, assim, senhor, causa-lhes tanta admiração o grande triumpho popular de 1830, como as suas glorias sanguinolentas de Pernambuco.

Embalde ouvem a todo momento proclamar-se o dia do triumpho popular nos governos modernos; não os atemorisa a noticia, de que pelas praias de Napoles, de Sorento, de Amalfi, outr'ora percorridas pelos irmãos de Mazzaniello, ouvem hoje o grito da unidade italiana, que atravessando o Adige, vae despertar a monotonia da Allemanha, e faz que a Suissa que vê a sua grandeza moral cada dia desenvolvida com os incalculaveis triumphos da liberdade que chega a extinguir em seus filhos o instincto do crime, encare desassomburada os desfíladeiros de Morgarten onde se sacrificaram os heróes de sua independencia, e onde se consagrou com a derrota dos austriacos o principio da sua união.

A Austria já cançada de ir todas as tardes, com monotona regularidade ao Prater, pede novas distracções, que se traduzem em liberalissimas reformas, e deante do entusiasmo popular fecham-se as portas do Spielberg, e abrem-se os reposteiros de Schoenbrunn!

Na Hungria as vozes de Francisco Deak, acompanhadas em chôro pelas de todos os patriotas, correm Pesth, a Wassertadt, e o proprio bairro em que se guardam as munições de Buda, e o severo descendente de Francisco II julga-se desobrigado dos despoticos compromissos de seus antepassados, e ouve de seus vassallos ainda a pouco rebeldes:

— *Elgin Keraly!*

A par desse grito o nome de Deak é a todo momento saudado como o representante da pura democracia hungara!

O soberano da Prussia ouve com assombro o brinde do rei do Hanover: *os Guelfos foram expulsos tambem, e voltaram; não duvideis pois de meu regresso!*

O pensamento do banquete de Hietzing é uma ameaça a essa illusoria unidade dos allemães, contidos pelo circulo das bayonetas prussianas!

Os proprios soberanos de toda a Europa, reproduzindo as practicas de Verona, pretendem decidir em amigaveis conver-

sações que seguem os banquetes, questões cuja solução pertence ás nacionalidades.

Essas cortezias só manifestam a mutua desconfiança em suas idéas e sentimentos, por isso que elles ignoram si assim pensam os povos a quem governam.

Decrepitude em tudo!

Falsidade e trahição nos sentimentos!

Confusão nas idéas que guiam-lhes o proceder!

Humilhações para todos, e isso porque a França vê-se obrigada e despida de suas funcções, a ir appresentar ao soberano um copo d'agua em Vichy, ou servir-lhe o banho em Biarritz ou Plombières!

Os allemães assistem estupidamente, e esperam um resultado das prozas de Kissingen, sem que disso não lhes venha sinão o abatimento.

Aquelles que de tudo lançam mão apontarão o exemplo da rainha Victoria que lá goza do socego patriarchal da Suissa acompanhada do seu ministro: mas na Inglaterra a realeza assim como não tem sexo, tambem não tem corpo, e tanto faz que a rainha esteja em Windsor como em Lucerna.

Destacando-se com simplicidade no meio desse quadro cujo fundo é confuso e desordenado, ali apparecem as duas nacionalidades — typos — dous povos felizes com o seu estado liberal: a Suissa e os Estados Unidos.

Os Estados Unidos são a verdade fixa num continente novo e puro: a Suissa é a regeneração num continente velho e corrupto.

Os Estados Unidos sahem de uma lucta de morte cheios de força e vigor, promptos para impôr á poderosa Inglaterra: a Suissa vae cada vez mais aperfeiçoando e robustecendo a sua liberdade de tal modo, que em muitos cantões já não ha crimes a punir, nem ignorancia a vencer.

O respeito ás leis, filho de um severo e puro liberalismo,

consolida a sua união. Os ursos de Berna parecem afugentar todos os males e flagellos que ameaçam a grande nação.

Como personificação dessas monarchias que se tornaram filhas espurias para Europa, representando o desanimo, o tédio e a desconfiança que invade o animo de todos esses soberanos; ha um pobre mancebo que contempla abatido o estado da Allemanha, que descrê dessa união que a sua fraqueza, e a indole tradicionalista de seus concidadãos faz recusar, que assiste a todas as conferencias reaes, contempla todos esses acontecimentos, pallido e abatido, sem que os apertos de mão de seus confrades, nem as sumptuosidades que cercam as visitas coroadas reanime o seu espirito incredulo e a alma abatida.

Luiz II da Baviera é a imagem da instituição que enfraquecida procura a força onde ella não existe e tenta reganhar o terreno que lhe foge, n'uma lucta desabrida entre o passado e o futuro.

Mas emquanto, senhor, todos esses Estados arcam em combate esforçado pelas suas caducas tradições, e não encontram um principio que os reanime, emquanto a França sorve a tragos lentos todo o fel do aviltamento a que a levam, e os Estados Germanicos perdem o vigor dos principios que fizeram a sua força o a sua união; emquanto enfim a Europa em peso assemelha-se a um enorme enigma, cujas chaves chamam-se — Napoleão III e Alexandre II — é licito perguntar: qual a causa de tão triste e desanimador estado?

A ordem sobre a qual se desenvolve a marcha da humanidade, é toda ella regida pelo mesmo principio que prende as nações entre si, como os povos dentro dos limites de seus estados.

Tanto valeria fazer semelhante pergunta á Austria, á Russia, como ao Brasil.

Parecerá em extremo mal cabido que leve tão longe as minhas apreciações sobre a politica; mas assim como a pin-

tura tem as suas leis que tomam entre os profissionaes o nome de perspectiva; e a politica tem essa perspectiva está ella nesse prolongamento de vistas que procura no meio da desordem dos factos o ponto que deve determinar as proporções do quadro.

Nem se extranhe que tão longe leve as considerações, que são feitas, que atravesse o Atlantico e vá a cada estado europeu pedir a rasão de certa desharmonia que por certo prepara um grande acontecimento antes que se reconstrua o edificio social.

O fatal principio que ligou-nos á politica européa obriga-nos hoje a acompanhar-lhe os passos e seguir todos os seus movimentos.

Acompanhando-os pois, e tendo pela frente o espectáculo de todas essas nacionalidades, chegamos até á Belgica, onde em torno do silencio do tumulto do primeiro belga pela sabedoria e pela ordem, tudo é indiferença por essa politica mesquinha que dá um triste espectáculo ao mundo, revelando a sua triste fraqueza. Olhae bem para a Belgica, senhor, recordae-vos do grande vulto do rei patriota e do nome illustre da immensa gloria que acompanhou-o até ás portas do tumulto.

Vêde, senhor, quanto é grande, glorioso, illustre, vêr-se o creador de um povo, de um estado e de uma politica generosa e só de felicidades para o povo. Leopoldo resolve o problema do doutrinarismo que persegue o espirito especulativo dos governantes da França.

O politico, senhor, muitas vezes precisa daquillo que constitue a superioridade do medico: o tino acertado em descobrir o mal e causa que o determina, tal é muitas vezes o grande merito do estadista.

Não, que muitas vezes elles observem os preceitos que lhes ordena a consciencia, mas nos casos em que a verdade é respeitada, são incontestaveis os resultados de tal qualidade.

A persistencia em não querer ver um mal que existe, e me

fugir á evidencia da verdade de uma causa politica, só póde attestar do quanto é capaz uma consciencia facil.

Mas a nobreza dos sentimentos do grande rei deveria ter uma satisfação na grandeza em que se acha collocada a pequena nacionalidade, e a celebridade, e as benções que o levarão á posteridade, é uma garantia de estabilidade, um exemplo feliz para aquelles que o succederem, um titulo que recommenda á generosidade dos povos, quaesquer faltas que por accaso o descuido faça commetter aos seus descendentes animados com as glorias populares, daquelle que os soberanos de toda a Europa appellidaram o seu constante Nestor.

E não tivemos nós mesmos os exemplos da sua immensa sabedoria, dessa justiça innata ao coração do homem, e que se dão desmente no coração dos monarchas quando elles não se esquecem da especie á que pertencem?

O respeito com que foi acolhida a sentença do sabio rei, devia ter servido para vós de exemplo, de prova do quão vale prezar, respeitar as instituições, porque nesse respeito, nesse culto, vae o cunho da obediencia que se deve dar áquelle donde ellas dimanam — o povo.

A união e a força — da pequena Belgica, causa espanto pelo contraste que appresenta com essas grandes nacionalidades européas, que se destroem sem saberem ao fim que vão.

E tudo isso porque? Porque,

« Um forte rei, faz forte a fraca gente ! »

Assim emquanto houver no mundo um coração sincero e um espirito cheio de justiça, as corôas de uma gloria immortal, cingirão a fronte serena do grande e sabio Leopoldo !

E no entretanto o illustre rei tinha um espaço bem limitado para sua soberania e braços escassos para impôr á Europa inteira. Essa sombra veneranda que foi para os belgas Leopoldo 1º, para o mundo inteiro talvez que o primeiro rei do

seculo dezenove, deveria velar á cabeceira de todos os monarchas, e guiar-lhes a mão quando tivessem de dirigir a governação de um Estado.

E hoje senhor, nós que nutriamos tantas e tão bem fundadas esperanças, desilludidos pela realidade, já não podemos aspirar ao prazer de vêr este Brazil elevado á cathegoria do pequeno reino da Europa, nem dar ao nosso soberano o titulo que queriamos que elle tivesse.

O contraste immenso que já appresenta o nosso paiz, já é bastante para encher-nos o espirito de terror, e o coração de tristeza !

Qual, senhor, não seria a vossa gloria, qual não seria a nossa, si em vez do arbitrio vissemos a — lei — altiva, coroadada e obedecida ?

Qual não seria o nosso prazer si em vez de queixas só ouvíssemos louvores que partem de corações gratos á felicidade ?

Não seria um chôro de aduladores, mas de patriotas, de cidadãos sinceros, começo de apothese dos soberanos.

Accredito que mão invisivel, cruel, fadario, persegue a monarchia no Brazil ; mas á essa perseguição escaparia ella si procurasse um auxilio nos braços daquelle que só o poderia amparar. Accreditaes que o povo bem depressa esquece uma dôr da vespera, por uma esperança do dia seguinte.

E o que foi a vossa coração sinão a affirmação do que digo ?

Senhor, já tenho dito assaz, mais seria encher o calice de fel com que se tem festejado o vosso reinado, e seria desenrolar o triste quadro de nossas desgraças.

Senhor, tendes sobre o vosso sceptro a mão da justiça pois bem, empregae-a em beneficio deste pobre paiz e que ella assim não desminta a missão a que foi destinada.

Não quero, senhor, nem vós o podeis, dezejar que o horizonte deste quadro tenha o rubor do despotismo, em que al-

gemas, symbolos de escravidão, sirvam-lhe de deshonrosa moldura.

Ainda temos muito que esperar até o momento supremo!

O movimento de Calix e sua repercussão afflicta em S. Sebastião, podem servir de muito!

A vida de uma filha illustre que terá algum dia de collocar sobre sua cabeça a corôa que tendes sobre a vossa, podem animar-vos, e augmentar os vossos esforços para a perpetuidade da vossa familia e a grandeza do vosso throno.

Poderia dizer muito! Mas faço simplesmente isto...

. . . . .

Termino dizendo-vos que está posto o dilema: *ou throno grande em um Estado escravo, ou cidadãos livres em um Estado livre!*

Recolho-me ao silencio pedindo a Deus bençams protectoras para o vosso throno, e esperanças consoladoras para os de todos, e do velho e impertinente

corações

DIOGENES.

S. Paulo, 9 de Novembro de 1868.

Faint, illegible text visible on the left edge of the page, likely from the adjacent page.













010026

